

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ADMINISTRAÇÃO

THIAGO GOMES DE OLIVEIRA

**O ARTESANATO OVINO: CAMPO DE POSSIBILIDADES
PARA A CADEIA PRODUTIVA DO TURISMO RURAL EM
MATO GROSSO DO SUL**

CAMPO GRANDE - MS
2013

THIAGO GOMES DE OLIVEIRA

**O ARTESANATO OVINO: CAMPO DE POSSIBILIDADES
PARA A CADEIA PRODUTIVA DO TURISMO RURAL EM
MATO GROSSO DO SUL**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Administração. Área de concentração em Administração.

Orientador: Prof. Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani.

**CAMPO GRANDE - MS
2013**

Oliveira, Thiago Gomes de.

O artesanato ovino: Campo de possibilidades para a cadeia produtiva do turismo rural em Mato Grosso do Sul/ Thiago Gomes de Oliveira – Campo Grande, 2013.

102 f. Fig., Quadros, Gráficos e Tabelas.

Orientador: Milton Augusto Pasquotto Mariani

Dissertação (Mestrado em Administração) Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Administração. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Inclui Bibliografia

1. Ovinocultura. 2. Turismo. 3. Artesanato.

THIAGO GOMES DE OLIVEIRA

**O ARTESANATO OVINO: CAMPO DE POSSIBILIDADES
PARA A CADEIA PRODUTIVA DO TURISMO RURAL EM
MATO GROSSO DO SUL**

Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do Grau de Mestre em Administração na área de concentração em Gestão do Agronegócio do Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Administração da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e aprovada, em sua forma final, em 20 de março de 2013.

Prof^a. Dr^a. Sílvia Morales de Queiroz Caleman
Coordenador do Curso

Apresentada à Comissão Examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. Milton Augusto Pasquotto Mariani
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof. Dr. Leandro Sauer
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

Prof^a. Dr^a. Arlinda Cantero Dorsa
Universidade Católica Dom Bosco

Dedico esta dissertação aos meus pais, aos meus professores e a todas as pessoas que me auxiliaram no caminho da descoberta e sabedoria.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Jair Gomes de Oliveira e Maria Aparecida Ortiz de Oliveira, a Dejanira Facioni e aos meus familiares que sempre me apoiaram em meus estudos.

Agradeço a todos os professores que me guiaram e possibilitaram meu aprendizado durante a formação ao longo da minha vida, em especial ao professor Milton Mariani que me orientou durante o período que cursei o mestrado e possibilitou a realização deste trabalho, agradeço ao engenheiro agrônomo e consultor André Macieira Sorio.

Agradeço aos tecelões que foram espontâneos ao mostrarem seu trabalho permitindo a realização do estudo, especialmente a Jorgina, Juliana Alvez e Elaine Escarmanhani do Centro Integrado de Atendimento ao Trabalhador (CIAT em Ivinhema); João Rubens e Adna Rubia do Lanifício Pantanal, o pesquisador da Embrapa Gado de Corte Fernando Alvarenga Reis e o tosquiador Claudinei em Campo Grande; a artesã Josefa Marques Mazarão em Caarapó e a artesã Rosana Claudina da Costa Sampaio no assentamento Andalucia em Nioaque, a Ecilda Matos Pereira e Creuza Rodrigues Pereira Recalde da Cabeceira do Apa em Ponta Porã.

Agradeço a Reuni-Capes por financiar minha pesquisa durante o período que cursei o Mestrado em Administração na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e agradeço a Universidade que possibilita a pesquisa de maneira geral.

De um modo geral, dirigir muitos é quase igual a dirigir poucos.

É somente uma questão de organização.

Sun Tzu, 'A arte da guerra: os treze capítulos' (500 a.C.).

RESUMO

OLIVEIRA, Thiago Gomes de. **O artesanato ovino no contexto da cadeia produtiva do turismo rural em Mato Grosso do Sul**. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

Orientador: Milton Augusto P. Mariani, Dr.
Defesa: 20/03/2013

Mato Grosso do Sul encontra-se inserido entre os 10 estados com maior rebanho de ovinos do Brasil, a demanda por carne ovina ainda apresenta-se superior à oferta, gerando a necessidade da importação do produto de países vizinhos. Sendo a lã um subproduto da ovinocultura, utilizado como matéria prima na confecção de vestimentas e produtos artesanais, em algumas regiões é um marco da identidade, cultura e história local, tornando-se um atrativo turístico e um produto com alto valor agregado. Sendo o principal objetivo dessa pesquisa, analisar a potencialidade da lã ovina como produto complementar ao artesanato em Mato Grosso do Sul, trazendo informações que demonstrem que a lã ovina pode ser considerada um produto típico do turismo no estado. Além deste objetivo, a presente pesquisa visa entender a percepção dos produtores de artesanato com lã ovina no estado em relação aos insumos, produção e logística; investigar as possibilidades de comercialização das peças de artesanato produzidas com lã ovina pelos grupos existentes no estado; e caracterizar a demanda do artesanato com lã ovina para a cadeia do turismo em Mato Grosso do Sul. A pesquisa utiliza metodologia descritiva, exploratória e qualitativa, sendo uma pesquisa de campo e estudo de caso. Os resultados apontam que os grupos de tecelões do estado encontram-se inseridos em uma cadeia produtiva e apresentam grandes diferenças entre os produtos confeccionados e o volume de produção, apesar da existência de semelhanças entre os processos produtivos, a sazonalidade na demanda de alguns produtos e as dificuldades enfrentadas pelos grupos que confeccionam artesanato com a lã.

PALAVRAS-CHAVES: Ovinocultura. Turismo. Artesanato.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Thiago Gomes de. **O artesanato ovino no contexto da cadeia produtiva do turismo rural em Mato Grosso do Sul**. 102 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Curso de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2012.

Orientador: Milton Augusto P. Mariani, Dr.

Defesa: 20/03/2013

Mato Grosso do Sul is inserted among the 10 states with the largest flock of sheep from Brazil, demand for lamb meat still is outstrips supply, creating the need to import the product from neighboring countries. The sheep's wool is as a byproduct of sheep production, used as raw material in the manufacture of clothing and handicraft products in some regions is hallmark of identity, culture and local history, becoming a tourist attraction and products with high added value. Being the main objective of this research analyze the potential of sheep wool as a complementary product to handicrafts in Mato Grosso do Sul, seeking information which showing that sheep's wool can be considered a typical product of tourism at the state. In addition to this objective, this research aims to understand perception's producer of handicraft with wool sheep in the state in relation to inputs, production and logistics; investigate the possibilities of marketing the handicrafts produced with sheep wool by existing groups in the state; and characterize demand for crafts of wool for the chain's tourism in Mato Grosso do Sul. The methodology of research is descriptive, exploratory and qualitative, being one field research and case study. The results show that groups of weavers in the state are included in supply chain and differ widely between products manufactured and the volume of production, although there are similarities between the processes, seasonality in demand for some products and difficulties faced by groups who make wool's handicraft.

KEY-WORD: Sheep. Tourism. Handicraft.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Estrutura Universal de uma Cadeia Produtiva.....	27
Figura 2 - Cadeia Produtiva do Turismo Genérica.....	33
Figura 3 - Mato Grosso do Sul e Municípios visitados durante a pesquisa.	39
Figura 4 - Baixeiros produzidos em Caarapó.	49
Figura 5 - Escola Estadual General Osório – Vila Cristina – Município de Ivinhema.	50
Figura 6 - Galpão ao lado da residência de Jorgina , Vila Cristina, município de Ivinhema em 21/10/2011.....	51
Figura 7 - Máquinas de cardar lã - Vila Cristina, município de Ivinhema, 21/10/2011.	52
Figura 8 - Roca Elétrica - Vila Cristina, município de Ivinhema, 21/10/2011.	53
Figura 9 - Treinamento de tosquia.....	54
Figura 10 - Secagem da lã em telas, após processo de lavagem.	56
Figura 11 - Processo de tingimento da lã.	57
Figura 12 - Tiras de couro ovino e bovino utilizados na confecção de tapetes.....	58
Figura 13 - Associação de Arte e Artesanato, Vale da Esperança – Caarapó, MS. .	60
Figura 14 - Artesões e pesquisador no centro da imagem – Associação de Arte e Artesanato – Vale da Esperança – Caarapó MS.....	61
Figura 15 - Lavagem e centrifuga da lã – Lanifício Pantanal – Campo Grande, MS.	63
Figura 16 - Secagem em estufa e fornalha – Lanifício Pantanal – Campo Grande – MS.....	63
Figura 17 - Máquina de rasgar lã – Lanifício Pantanal – Campo Grande – MS.....	64
Figura 18 - Funcionário transferindo lã “rasgada” para a máquina de cardar (esquerda), lã em processo de carda (direita) – Lanifício Pantanal – Campo Grande, MS.....	64
Figura 19 - Produção de linha ao fundo e tecelagem de baixeiros à frente – Lanifício Pantanal – Campo Grande – MS.	65
Figura 20 - Centro de Produção Pesquisa e Capacitação – CEPPEC e oficina de tecelagem.....	66
Figura 21 - Cozinha e sala de reuniões.	66
Figura 22 - Matéria prima utilizada na tecelagem no Assentamento Andalucia em Nioaque, novelos de lã e algodão.	67
Figura 23 - Panfleto promocional do Centro de Produção Pesquisa e Capacitação – CEPPEC.....	68
Figura 24 - Teares utilizados para a confecção das peças artesanais.....	69
Figura 25 - Rótulos e embalagens de alguns produtos confeccionados no Assentamento Andalucia.....	73
Figura 26 - Produtos manufaturados na confecção em Nioaque.....	74
Figura 27 - Mix de produtos e uma etiqueta presente nos produtos – Caarapó, MS.	76
Figura 28 - Edredons e baixeiros – Ivinhema.	77
Figura 29 - Coxonilho, baixeiros e Mantas Campo Grande – MS.....	78
Figura 30 - Cadeia Produtiva da lã em Mato Grosso do Sul.....	80

Gráfico 1 - Percentual da receita operacional líquida das empresas pertencentes às Atividades Características do Turismo, por setores de serviços - Brasil – 2003.	35
Gráfico 2 - Proporção dos gastos com viagens não rotineiras das famílias no período de referência de 90 dias segundo os produtos – Brasil – 2002- 2003.....	36
Quadro 1 - Relação de investimento, produção e alimentação dos sistemas de produção.	25

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Produção de lã no período de 01.01 a 31.12 e participações relativa e acumulada no total da produção, segundo as Unidades da Federação com as maiores produções, em ordem decrescente - 2010.	28
Tabela 2 - Produção de lã no período de 01.01 a 31.12, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação produtoras - 2008.....	29
Tabela 3 - Quantidade e valor dos produtos de origem animal - Comparativo 2003 e 2004 – Brasil.	29
Tabela 4 - Efetivo dos rebanhos em 2004 comparativamente a 2003 - Brasil.....	30

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEPPEC	Centro de Produção Pesquisa e Capacitação
CIAT	Centro Integrado de Associação ao Trabalhador
EMBRAPA	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e estatística
INCRA	Instituto Nacional de Reforma Agrária
OMT	Organização Mundial de Turismo
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA	14
2.1 PROBLEMÁTICA	15
2.2 QUESTÕES NORTEADORAS.....	15
2.3 OBJETIVOS	16
2.3.1 Objetivo geral	16
2.3.2 Objetivos específicos	16
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	17
3.1 TIPO E METODO DE PESQUISA.....	17
3.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA EMPÍRICA	18
3.3 COLETA DE DADOS	19
3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÕES DE DADOS	20
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	23
4.1 OVINOCULTURA.....	23
4.2 CADEIA PRODUTIVA DO TURISMO	32
4.3 ARTESANATO, TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO LOCAL	40
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	46
5.1 INSUMOS, PRODUÇÃO E LOGÍSTICA.....	47
5.2 POSSIBILIDADES DE COMERCIALIZAÇÃO	70
5.3 DEMANDA	74
5.4 CADEIA DA LÃ OVINA EM MATO GROSSO DO SUL.....	79
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86
APÊNDICE A – FORMULÁRIO PARA PESSOAS QUE PARTICIPAM DAS OFICINAS PRODUTORAS DE ARTESANATO	91
APÊNDICE B - FORMULÁRIO DAS PESSOAS QUE PARTICIPARAM NAS OFICINAS PRODUTORAS DE ARTESANATO MAS OPTARAM POR MUDAR DE ATIVIDADE	96
APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	99
ANEXO A - EM CAARAPÓ, ARTESÃS FAZEM ARTE COM A LÃ DE CARNEIRO	100
ANEXO B - OFICINA PARA O NÚCLEO PRODUTIVO DE LÃ - CAARAPÓ	101

INTRODUÇÃO

A criação de ovinos é uma das mais antigas atividades praticadas pelo ser humano, sofrendo modificações e alterações decorrentes de novas tecnologias. Inicialmente a atividade vinha utilizando o pastoreio como meio de criação, tendo a finalidade de suprir as demandas contínuas de proteína para alimentação e fibras para confecção de vestuários.

A criação era extensiva, por ser onerosa a instalação das cercas e cercados que eram montados com pedras e madeira de forma artesanal, obrigando os criadores a recorrer ao pastoreio dos cordeiros, uma atividade simples e segura para a pessoa que maneja os animais, por estes serem de porte médio, sociáveis e pacíficos, onde até mesmo crianças tinham a possibilidade de cuidar do rebanho apenas acompanhando os animais e realizando a contagem ao final do dia.

Além do retorno econômico, facilidade na lida, manuseio e na influência gastronômica mundial, o cordeiro possui grande destaque no artesanato. Se outrora os ovinos eram apenas fornecedores de pele e lã para a confecção de vestimentas rudes, posteriormente passou a ser fonte de matéria prima para a indústria têxtil com a produção de lã, tendo grande participação na cadeia produtiva, sendo a principal fonte de fibras de origem animal no mundo.

Pode-se estudar a ovinocultura partindo do conceito de cadeia produtiva que estuda um produto final consumido, sua produção, manufatura, distribuição etc. Outra forma de estudo é a partir do conceito de sistema agroindustrial, onde vários produtos provenientes de uma ou poucas matérias primas são vistos de forma mais abrangente, porém semelhante a cadeia produtiva. Essa se pode estudar através da cadeia da lã, couro ou carne, uma vez que no sistema são abordados todos os produtos gerados pela ovinocultura, tais como lã, carne, couro, sebo, esterco, vísceras, materiais médicos, materiais esportivos, etc.

Existindo duas escolas sobre o estudo das cadeias produtivas, uma norte-americana e outra de origem francesa, ambas fazem uma análise mesoeconômica, “fotografando” o sistema e estudando a interação entre os agentes de uma cadeia, auxiliando em políticas públicas e na formação de estratégias para o desenvolvimento das cadeias, identificando os elos e gargalos.

2 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA

Segundo dados do IBGE (2011b) Mato Grosso do Sul possui o 8º maior rebanho ovino do país com mais de 450.000 cabeças, produzindo 103 toneladas de lã no ano de 2009 (IBGE, 2011a). A utilização da lã como matéria prima possibilita a confecção de peças voltadas para o consumidor local, para seu uso cotidiano, na lida do campo. Assim, nos polos turísticos é possível confeccionar e comercializar peças artesanais voltadas para os consumidores que praticam o turismo.

Para o estudo dos casos foram selecionados os municípios que apresentam no momento as maiores produções de cordeiros e lã e apresentavam recentemente a existência de um empreendimento voltado para a produção de artefatos artesanais provenientes da utilização de lã ovina como matéria prima, a saber: Caarapó, Campo Grande, Ivinhema, Ponta Porã e Nioaque.

Segundo Mariani, Palhares e Sorio, (2010), no estado as atividades turísticas tiveram início em 1960 com a vinda de pescadores esportistas em algumas épocas do ano. Outro atrativo turístico é a beleza paisagística natural do estado. Atualmente ocorrem altos investimentos para a criação e fortalecimento de polos turísticos, além dos atrativos naturais, existem atrativos culturais, gastronômicos e históricos no estado de Mato Grosso do Sul.

A fabricação de peças artesanais utilizando a lã produzida na região auxilia na formação e/ou fortalecimento de uma cultura local, e firma uma posição do município como atrativo cultural para o mercado turístico. Dessa forma consolida-se a formação e manutenção de uma identidade local e o artesanato se torna uma atividade sustentável, pois atua no desenvolvimento econômico, social e na preservação da ecologia.

Justifica-se esta pesquisa pela importância da ovinocultura como fornecedora de matéria prima para fabricação de artesanatos provenientes de lã de ovinos. O estudo da fabricação de artesanato possibilita a criação não só de uma identidade local, consolidação cultural, atração turística, como também, na área econômica agrega valor aos produtos, facilidade de exportação, geração de renda e empregos diretos e indiretos, formação de um *cluster* do artesanato ovino local. Consolidando-se assim tradições, melhorias da qualidade de vida da população local e elevação da escolaridade.

O artesanato é também um meio adicional de incrementar a renda local, gerando riqueza para a região, partindo do aproveitamento da lã, uma fibra natural proveniente da pelagem de ovinos, utilizada como matéria prima que possibilita a manufatura de diversos produtos com diferentes finalidades: uso (lã) na lida do campo, vestimentas, artesanato ou decoração, firmando a cultura e economia local, podendo ser também exportados para regiões onde o clima favorece a utilização de vestimentas feitas com lã.

2.1 PROBLEMÁTICA

Qual a possibilidade de inserção do artesanato ovino na cadeia produtiva do turismo em Mato Grosso do Sul?

2.2 QUESTÕES NORTEADORAS

Como os grupos produtores de artesanatos em lã ovina, percebem a possibilidade de inserção como um produto turístico típico de Mato Grosso do Sul?

Quais as características da demanda do artesanato da lã ovina para a atividade do turismo no Mato Grosso do Sul?

De que forma se dá a produção, logística e estratégia de comercialização do artesanato com lã ovina em Mato Grosso do Sul?

2.3 OBJETIVOS

2.3.1 **Objetivo geral**

Analisar a potencialidade da lã ovina como produto complementar ao artesanato e o turismo em Mato Grosso do Sul.

2.3.2 **Objetivos específicos**

- 1º. Entender a percepção dos grupos produtores de artesanato com a lã ovina em Mato Grosso do Sul em relação aos insumos, produção e logística;
- 2º. Investigar as possibilidades de comercialização das peças de artesanato produzidas com lã ovina pelos grupos existentes em Mato Grosso do Sul;
- 3º. Caracterizar a demanda do artesanato com lã ovina para a cadeia do turismo em Mato Grosso do Sul;
- 4º. Mapear a cadeia produtiva da lã em Mato Grosso do Sul.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esse capítulo aborda a metodologia utilizada nesse trabalho sobre o artesanato de lã e/ou pele ovina, explica os modelos e os motivos que levaram a optar por uma pesquisa exploratória, descritiva, com base qualitativa, dados primários obtidos por meio da aplicação, tabulação e análise de formulários/questionários, bem como a realização de entrevistas estruturadas.

3.1 TIPO E METODO DE PESQUISA

Segundo a ideia de Vergara (2007), a pesquisa pode ser segundo os seus fins:

- a) Exploratória por ter a finalidade de estudar profundamente o problema de pesquisa sendo uma pesquisa inédita, realizada em uma área na qual não existe conhecimento acumulado e sistematizado.
- b) Descritiva por obter informações instantâneas e precisas, mas ao mesmo tempo hipotéticas a respeito dos produtores de artesanato ovino em Mato Grosso do Sul, expondo características desta população.

No aporte de Collis e Hussey (2005), a pesquisa é exploratória e descritiva, e fenomenológica por estar voltada a entender um fenômeno social, gerando dados em que os resultados, análises e interpretações não podem ser facilmente separados. Já a pesquisa quantitativa possui dados que podem ser facilmente agrupados e analisados; a pesquisa qualitativa mais apropriada a temas sensoriais e sociais requer uma capacidade de análise e interpretação dos dados obtidos durante o estudo.

Segundo Creswell (2007), o estudo em tela se insere em uma pesquisa qualitativa sendo utilizada para isso, uma estratégia de pesquisa com base em dados de textos e imagens, com o pesquisador tendo contato com o objeto estudado.

Ainda segundo Vergara (2007), o estudo quanto aos meios classifica-se em pesquisa de campo, realiza-se em um ambiente não controlado pelo pesquisador;

bibliográfica, por buscar dados secundários em artigos, teses, livros e revistas especializadas; estudo de caso, por estudar casos específicos localizados em municípios distintos.

Segundo Yin (2001) a estratégia da presente pesquisa pode ser classificada como estudo de casos múltiplos por investigar, em vários municípios, a maneira e a forma com que as cooperativas, associações e organizações produtoras de artesanato da lã ovina produzem, adquirem matéria prima, comercializam e desenvolvem os seus produtos artesanais de lã ovina.

No estudo de caso deve-se moldar a realidade do local onde ocorre a pesquisa, considerando a cultura da população, acesso a tecnologia e recursos disponíveis para a realização da pesquisa, exigindo assim mais da percepção e habilidade do autor que modelos convencionais, pois a estrutura se desenvolve em conjunto com a pesquisa (MARTINS, G.A., 2008 a; YIN, R.K., 2001).

Gomes (2006) afirma que o estudo de caso sendo um método ativo de ensino torna o professor um facilitador do aprendizado onde o aluno lidando com situações complexas testa teorias na prática, diferente do modelo tradicional de transferência de informação do professor para o aluno.

3.2 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA EMPÍRICA

Para realização da pesquisa foram utilizados dados secundários e informações a respeito da cadeia produtiva da ovinocultura, do turismo e artesanato, cujos dados foram retirados de artigos, dissertações, teses, livros e periódicos especializados na temática do trabalho.

A população da pesquisa de campo foi composta por pessoas que possuem ou possuíram vínculos com grupos ou cooperativas de produção de artesanato derivado da lã de carneiros, nos municípios de Campo Grande, Ponta Porã, Ivinhema, Nioaque e Caarapó (MS).

Na pesquisa de campo foram levantadas informações a respeito dos insumos, produção, logística, estratégias e comercialização utilizadas pelos produtores de artesanato ovinos por meio da aplicação de um questionário, utilizando-se questões abertas e fechadas. A medida que os questionários foram

aplicados, as informações pertinentes aos objetivos e as questões norteadora foram levantadas tornando o material da pesquisa consistente.

Foram analisadas as entrevistas semiestruturadas realizadas com indivíduos considerados elementos chave na produção de artesanato ovino. Após a aplicação dos questionários, com perguntas abertas e fechadas e das entrevistas, a pesquisa de campo foi finalizada e as informações transcritas.

3.3 COLETA DE DADOS

Com um rebanho ovino estimado no ano de 2006 em 477.732 cabeças, o estado de Mato Grosso do Sul é o oitavo colocado em número de cabeças, respondendo por 2,84% do rebanho nacional (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2011a), possui ou possuiu iniciativas nos municípios de Caarapó, Campo Grande, Ivinhema, Nioaque a Ponta Porã (Cabeceira do Apa).

Na etapa inicial da pesquisa, utilizaram-se dados secundários obtidos em livros, web sítios, artigos, teses e revistas especializadas, com a finalidade de obter uma base teórica para um esclarecimento a respeito do tema e definir as necessidades de informações na pesquisa de campo.

Os dados primários foram obtidos em campo por meio da aplicação de formulários adaptados dos questionários, caracterizados por uma série de perguntas apresentadas ao respondente de forma escrita. Devido às características heterogêneas do grau de escolaridade da população amostrada optou-se pela aplicação de formulários onde as perguntas foram apresentadas por escrito, mas o pesquisador assinalou as respostas respondidas oralmente como no senso do IBGE. As entrevistas semiestruturadas foram respondidas oralmente e estes dados foram analisados gerando uma discussão e reflexões que resultaram em uma conclusão a respeito da problemática da pesquisa (VERGARA, 2007).

A população estudada atingiu pessoas que trabalham ou trabalharam em oficinas produtoras de artesanato ovino, selecionados nos municípios que apresentaram os maiores rebanhos de ovinos do estado de Mato Grosso do Sul e possuem ou possuíram alguma iniciativa que tinha como objetivo gerar renda com a produção de artesanato de lã, o que resultou na escolha de cinco municípios.

Duarte (2002) enfatiza que, a confiabilidade e legitimidade de uma pesquisa empírica dependem da capacidade do pesquisador articular teoria e empiria em torno de um objeto, questão ou problema de pesquisa. Com o preenchimento de questionários, as informações são levantadas possibilitando identificar padrões, práticas, sistemas e categorias de análise, atingindo o ponto de saturação. Apesar de a prática indicar um número mínimo de 20 pessoas, esse número varia em razão do objeto e do universo de estudo, sendo aplicados questionários até possibilitar uma análise razoável das relações existentes no ambiente.

3.4 TÉCNICAS DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÕES DE DADOS

Os dados obtidos com a aplicação dos questionários, formulários e entrevistas foram interpretados e analisados em conjunto, a fim de gerar uma discussão e uma conclusão a respeito da participação do artesanato ovino na cadeia produtiva do turismo no estado de Mato Grosso do Sul.

Segundo Robson (1993 *apud* COLLIS, HUSSEY 2005, p. 238). “o principal desafio para análise de dados qualitativos é que ‘não há um conjunto claro e aceito de convenções para análise correspondendo aqueles observados com dados quantitativos’”. Os dados obtidos devem ser quantificados, dados não quantificáveis são reduzidos, sendo transcritas as ideias principais. Com os dados reduzidos são feitas análises.

Segundo Morse (1994 *apud* VEGARA, 2006, p.89) “a análise de dados qualitativos em pesquisa fenomenológica pode ser conduzida por meio de três procedimentos: (a) leitura crítica; (b) análise de conteúdo; (c) classificação de termos e ideias”.

Segundo Martins (2008b, p. 10):

Em um estudo de caso, análises e reflexões estão presentes durante os vários estágios da pesquisa, particularmente quando do levantamento das informações, dados e evidências, em situações em que resultados parciais sugerem alterações, correções de rumo.

Com base no tipo de pesquisa e nos dados coletados optou-se por utilizar a análise integrada e de conteúdo a fim de gerar uma discussão e uma conclusão a respeito do objeto de estudo e dos dados gerados a partir destes.

A análise de conteúdo consolidou-se no século XX nos Estados Unidos da América com as grandes guerras mundiais e a preocupação de compreender a comunicação oculta transmitida em documentos que eram acessíveis como jornais, panfletos e rádio dos oponentes. Nessa ampla ferramenta de análise, a resposta atribuída tem mais valor que a pergunta, o pesquisador busca o texto dentro do texto, podendo ser empregada em comunicações de monólogos, em dupla, grupo ou massa, podendo ser oral, escrita ou visual (BARDIN, 1977; ROCHA, D; DEUSDARÁ, B., 2005; VERGARA, 2006).

Collis e Hussey (2005) sugerem a análise de conteúdo, como forma de transformar os dados qualitativos em dados numéricos e gráficos, facilitando a análise dos mesmos. Para os dados que não podem ser quantificados sugerem a redução, consistindo em uma técnica com a finalidade de reduzir o volume do material coletado, facilitando o entendimento e análise do mesmo.

Quanto aos procedimentos de análise, o pesquisador deve realizar uma leitura inicial dos textos produzidos pela população pesquisada, chamada de leitura flutuante. A partir dessa leitura, o pesquisador pode transformar suas intuições em hipóteses a serem validadas ou não pelas etapas seguintes. As hipóteses possibilitam extrair critérios de classificação dos resultados obtidos em categorias de significação permitindo a formulação de conclusões a respeito das hipóteses (ROCHA, D; DEUSDARÁ, B., 2005).

Bardin (1977) afirma que a análise de conteúdo possui duas funções que podem ou não dissociar-se:

- a) Função heurística, onde é destacada a tentativa exploratória, aumenta a propensão para a descoberta;
- b) Função de administração da prova, hipóteses na forma de questões ou afirmações servem de diretriz, utiliza análise sistemática para confirmar, servir de prova.

Ainda segundo Bardin (1977) a análise de conteúdo é organizada em três fases distintas, sendo estas:

- a) A pré-análise consiste na organização propriamente dita, mesmo sendo um período de intuições.
- b) A exploração do material é a aplicação sistêmica das decisões tomadas.
- c) No tratamento dos resultados obtidos e interpretação os resultados brutos são tratados a fim de serem significantes e validos, os resultados também podem ser submetidos a provas estatísticas e testes de validação.

Com a análise de conteúdo possibilita-se analisar e concluir pesquisas qualitativas com metodologia pautada em estudo de caso ou múltiplos casos, devido ao fato possibilitar a redução dos dados coletados facilitando o manuseio destes pelo pesquisador, permitindo a elaboração da comparação dos dados coletados.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo é apresentada a fundamentação teórica utilizada no desenvolvimento da pesquisa, sendo abordadas as temáticas: Ovinocultura, Cadeia Produtiva do Turismo e Artesanato.

4.1 OVINOCULTURA

Ovinos foram os primeiros animais a serem domesticados pelo homem, sendo sua lã e couro utilizados para confecção de vestimentas e utensílios e sua carne e leite consumidos na alimentação de diversos povos. No estado de MS, são criados em sua maioria para o consumo nas propriedades, sendo cultural e oriundo da colonização proveniente do sul do país. Porém, no sul do país a criação de ovinos voltou-se para uma criação comercial, em Mato Grosso do Sul é considerada uma atividade complementar a bovinocultura de corte, sendo ao ovinocultor uma atividade secundária (MARIANI, PALHARES E SORIO, 2010; MICHELS, *et al*, 2006a).

A Bíblia Hebraica faz referência ao couro ovino tingido de uma maneira específica sendo utilizado para forrar o chão, altares e também em vestimentas como nos sapatos elegantes de algumas mulheres, apontando para a importância da criação de ovinos na época (DALLEY, 2000).

Carneiro (2002, *apud* MARIANI, PALHARES e SORIO, 2010) enfatiza que os ovinos foram introduzidos no estado através do rio Paraguai, espalhando-se por várias propriedades rurais, principalmente na região do pantanal. Diferente do que ocorreu no Rio Grande do Sul, a ovinocultura se manteve restrita para o consumo nas propriedades, não tendo cunho de atividade econômica.

Os autores Mariani, Palhares e Sorio (2010, p. 17) defendem que:

A carne ovina tem importância dentro de Mato Grosso do Sul, por sua relação histórica com a alimentação da população rural local e dos imigrantes do Oriente Médio. Graças ao seu apelo de mercado, pode se tornar um produto que motive o deslocamento turístico para o Estado, pela curiosidade da culinária tradicional ou por agregar novas possibilidades à experiência do turista.

Segundo Sorio (2009), os cordeiros apresentam precocidade, estando em idade de abate em até seis meses, as matrizes demonstram uma rápida taxa de reposição, tendo um ciclo de gestação curto e podendo, ainda, criar em muitos casos cordeiros gêmeos. Por ser um animal de porte médio e de natureza dócil, os borregos não geram grandes dificuldades no abate e no manuseio da carcaça, nem na lida, sendo possível consorciar a criação de ovinos com a criação de bovinos, agricultura ou silvicultura.

Sorio (2009) assinala que a ovinocultura é uma atividade similar à bovinocultura no que tange aos insumos utilizados para a produção, com os ovinos se alimentando de pasto. Os insumos aplicados nas pastagens para bovinos também beneficiam os ovinos, sendo esses insumos em sua maioria sementes, fertilizantes, herbicidas, inseticidas e formicidas, porém alguns autores afirmam que a ovinocultura se difere da pecuária bovina na questão dos custos com medicamentos, curativos e preventivos que passa a ser mais elevada (ver quadro 1).

Quadro 1 - Relação de investimento, produção e alimentação dos sistemas de produção.

Sistema de Produção	Indicador		
	Investimento	Produção	Alimentação
Sistema extensivo	Não é necessária a construção de instalações.	Apresenta baixa produtividade na criação de ovinos	Os animais ocupam grandes extensões de terra, com aguada natural.
Sistema semiextensivo	Os animais vão ao pasto e são recolhidos à noite. É necessária a construção de abrigos e cercas.	Possibilita maior produtividade.	Os animais recebem suplementação volumosa, concentrada e mistura mineral no cocho em determinadas épocas do ano ou em determinadas fases de produção.
Sistema intensivo	Requer tecnologia e investimentos maiores.	Consiste no confinamento total dos animais, preferencialmente com área de solário.	A base da alimentação são os volumosos, a suplementação concentrada, a mistura mineral fornecida em comedouros e água disponível em bebedouros.

Fonte: Gouveia, A. M. G; *et al.* Instalações para a criação de ovinos tipo corte nas regiões Centro Oeste e Sudeste do Brasil. Brasília (DF): LK, 2007, p 13.

Segundo Golveia (*et al*, 2007, p.14), os sistemas mais utilizados na criação de ovinos são:

- O sistema extensivo onde os animais ficam livres por grandes extensões de terra e frequentam aguadas naturais, não dispensam muitos cuidados, porém a produtividade neste sistema é reduzida devido a falta de manejo, supervisão e cuidados frequentes;
- Outro sistema é o semiextensivo onde os animais pastam em áreas cercadas (piquetes) e durante a noite são recolhidos para as instalações onde recebem suplementação alimentar, minerais e

tratamento, os custos com instalações, cercas e equipamentos se torna mais elevado, mas é um sistema viável para a exploração tecnificada.

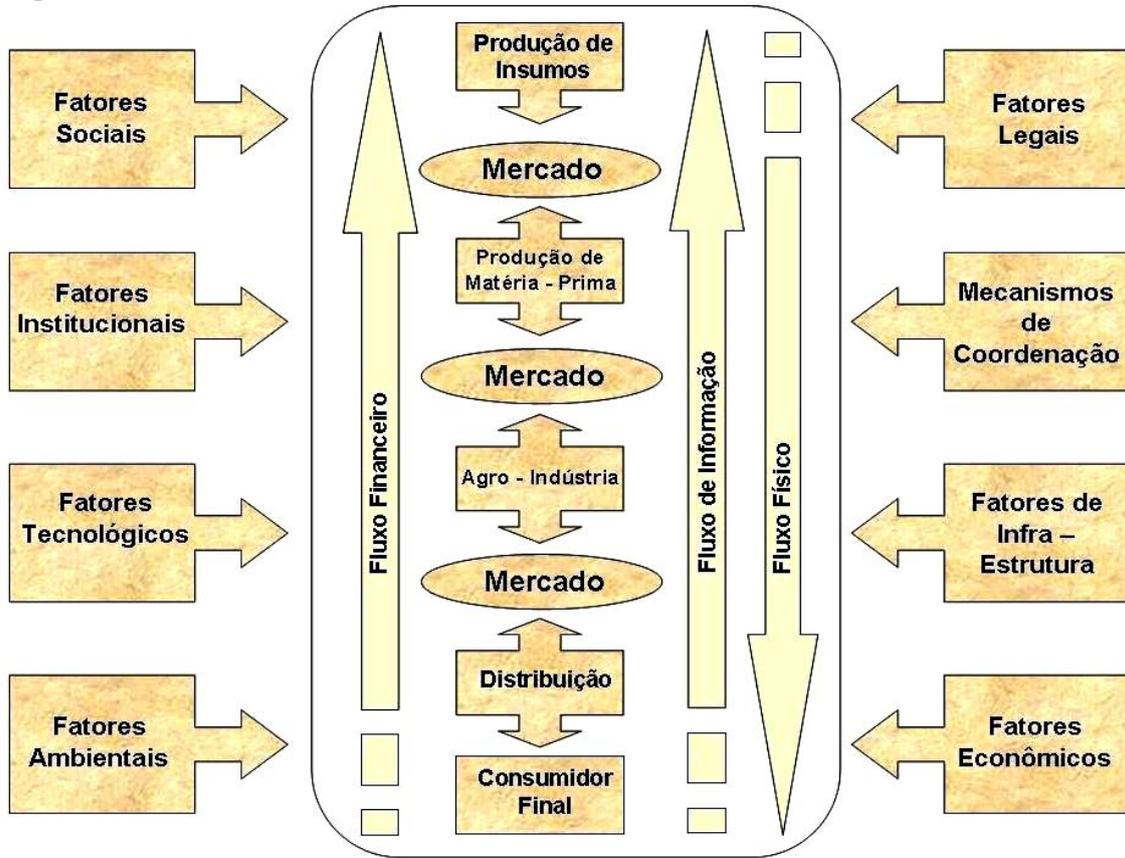
- Sistema intensivo ocupa a menor extensão de terra, os animais permanecem fechados nas instalações e recebem alimentação e água exclusivamente nas instalações, resultando no confinamento total, necessita de uma área de solário (área descoberta que pode servir para manejo). Requer tecnologia e investimentos maiores, produz carne precoce (cordeiro *premium*).

A utilização da lã como matéria prima possibilita a confecção de peças voltadas para o consumidor local com uso cotidiano e na lida do campo. Assim, nos polos turísticos é possível confeccionar e comercializar peças artesanais voltadas para os consumidores que praticam o turismo, além da possibilidade de exportação das peças artesanais de lã.

Com esse potencial, Mato Grosso do Sul pode produzir diversas peças utilizando a lã como matéria prima. Uma peça muito produzida é o baixeiro, feito com lã trançada usado majoritariamente na lida nas fazendas. Esta cultura do estado faz parte do cotidiano dos tropeiros de gado que a utilizavam na tralha dos cavalos e como cobertor durante a noite. Outra peça similar ao baixeiro é o pelego feito do couro dos ovinos, muito utilizado na parte superior do arreio, geralmente são tingidos com pigmentos que resultam em colorações que vão do vermelho ao laranja.

O conceito de *filière*, conhecido também como estudo da cadeia produtiva, teve origem na França e foi adaptado para o setor agroindustrial no estudo de *commodities*, sendo aplicado a sequencia de transformações que modificam uma *commodity* em um produto pronto para o consumo final (ver fig. 1) (ZYLBERSZTAJN E NEVES, 2000; BATALHA, 2007).

Figura 1 - Estrutura Universal de uma Cadeia Produtiva.



Fonte: BATALHA, M. O. (Coord.). **Gestão agroindustrial**; 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

A ovinocultura no estado de MS em geral não é tratada pelos produtores como uma atividade comercial. Na maioria das propriedades, a criação de cordeiros é voltada para o consumo próprio e eventualmente para vendas diretas, sendo que em grande parte a criação não ultrapassa o número de 500 animais. Nas propriedades voltadas para a produção comercial, o rebanho é destinado para a produção de carne, sendo a lã um produto secundário e oneroso devido ao custo da tosquia (MICHELS, *et al*, 2006a).

Sobrinho e Jacinto (2007) assinalam que as peles ovinas podem oferecer uma alternativa de lucro adicional ao empresário, para isso é necessário o emprego de manejo racional e bons tratos na produção animal, sendo o conhecimento biológico e comportamental e estratégia de manejo que considerem as necessidades fisiológicas e comportamentais dos ovinos, fatores resultantes de ganhos diretos e indiretos na produção de carne e pele de boa qualidade.

Michels (*et al*, 2006a), enfatiza que a atividade de produção da ovinocultura está voltada para o corte, o leite em propriedade de pequeno porte até é produzido,

mas para consumo próprio sem nenhuma finalidade comercial. A lã e o couro também são pouco difundidos, tendo algumas exceções onde a agroindústria os adquire e são vendidos na sua característica como *wet blue* (couro). As tabelas a seguir demonstram que a lã atualmente é um subproduto da criação de ovinos e vem sofrendo redução na sua produção.

A tabela 1 demonstra que mais de 90% da produção nacional se concentra no estado de Rio Grande do Sul com 91,8% da produção nacional. Mato Grosso do Sul é responsável por menos de 1 % da produção nacional.

Tabela 1 - Produção de lã no período de 01.01 a 31.12 e participações relativa e acumulada no total da produção, segundo as Unidades da Federação com as maiores produções, em ordem decrescente - 2010.

Unidades da Federação com as maiores produções, em ordem decrescente.	Quantidade de lã produzida no período de 01.01 a 31.12 (toneladas)	Participações no total da produção (%)	
		Relativa	Acumulada
Brasil	11 646	100	...
Rio Grande do Sul	10 688	91,8	91,8
Paraná	511	4,4	96,2
Santa Catarina	269	2,3	98,5
Mato Grosso do Sul	105	0,9	99,4
São Paulo	65	0,6	99,9
Minas Gerais	9	0,1	100

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, **Pesquisa da Pecuária Municipal 2010.** Disponível em http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ppm/2010/tabelas_pdf/tab27.pdf Acesso em 06 de maio de 2012.

A tabela 2 apresenta a produção de lã segundo as grandes regiões e as unidades federativas, Mato Grosso do Sul é responsável pela produção de 104 toneladas de lã no ano de 2008, gerando o montante de 238.000 reais, sendo responsável por quase 100% da produção registrada na região centro-oeste com 13,7% do rebanho sendo tosquiado para a comercialização da lã.

Tabela 2 - Produção de lã no período de 01.01 a 31.12, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação produtoras - 2008.

Grandes Regiões e Unidades da Federação produtoras de lã	Produção de lã no período de 01.01 a 31.12			
	Ovinos tosquiados (cabeças)	Quantidade (t)	Valor (1000R\$)	Ovinos tosquiados/ efetivo de ovinos (%) (1)
Brasil	3 938 338	11 642	41 295	23,7
Sudeste	36 233	89	244	4,7
Minas Gerais	5 861	9	76	2,6
São Paulo	30 372	79	168	6,7
Sul	3 837 574	11 449	40 812	79,2
Paraná	259 173	527	1 084	44,7
Santa Catarina	116 873	256	563	45,5
Rio Grande do Sul	3 461 528	10 666	39 165	86,3
Centro-Oeste	64 531	105	240	5,8
Mato Grosso do Sul	64 431	104	238	13,7
Goiás	100	0	2	0,1

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, **Pesquisa da Pecuária Municipal 2008**. Disponível em <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ppm/2008/ppm2008.pdf>> Acesso em 06 de maio de 2012.

A tabela 3 mostra que a lã foi um produto que apresentou redução na sua produção (-1,24%). A produção está concentrada no Sul do País, com o Rio Grande do Sul sendo o principal estado em ovinos tosquiados, com 88,69% do total. Em segundo lugar vem o Paraná com 6,14%.

Tabela 3 - Quantidade e valor dos produtos de origem animal - Comparativo 2003 e 2004 – Brasil.

Produtos	Quantidade Produzida		Variação
	2003	2004	
Leite produzido (1000L)	22253863	23474694	5,49
Casulos do bicho-da-seda (Kg)	9939090	8044604	-19,06
Lã	11312276	11172490	-1,24
Ovos de galinha (1000dz)	2618567	2693220	2,85
Ovos de codorna (1000dz)	96051	104064	8,34
Mel de abelha (kg)	30022404	32290462	7,55

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisa, Coordenação de Agropecuária, **Pesquisa da Pecuária Municipal 2003 e 2004**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=499&id_pagina=1> Acesso em 06 de maio de 2012.

A tabela 4 apresenta o efetivo dos rebanhos nacionais comparados entre os anos de 2003 e 2004, com o rebanho ovino tendo um crescimento de 3,44%, sendo menor que o crescimento do rebanho de caprinos com 4,86%, bovinos com 4,58% e codornas com 4,39%.

Tabela 4 - Efetivo dos rebanhos em 2004 comparativamente a 2003 - Brasil.

Rebanho	Efetivo		Variação 2003/2004
	2003	2004	
Bovino	195551576	204512737	4,58
Suíno	32304905	33085299	2,42
Caprino	9581653	10046888	4,86
Ovino	14556484	15057838	3,44
Galinhas	183799736	184786319	0,54
Galos, frangas(os) e pintos	737523096	759512029	2,98
Codornas	5980474	6243202	4,39

Fonte: IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Agropecuária, **Pesquisa da Pecuária Municipal 2003 e 2004.** Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=499&id_pagina=1> Acesso em 06 de maio de 2012.

A comparação das tabelas mostra que o rebanho ovino teve crescimento, mas a produção de lã apresenta uma redução no seu volume. Tais dados podem ser explicados pelo fato dos rebanhos estarem voltados para a produção de carne, sendo a lã o produto secundário da atividade.

O fato de a lã ser pouco valorizada pelos produtores pode derivar da crise ocorrida no setor de lã que vem sendo substituído pela a produção de algodão no mercado de fibras. Porém esse evento não pode ser considerado como uma ameaça para a cadeia produtiva que utiliza a lã como matéria prima.

No ano de 1980, na Austrália, Watson, A. S.(1980) já havia publicado um artigo discutindo a finalidade e as possíveis utilidades de um fundo de segurança, criado anos antes, para a garantia de estabilidade e preços mínimos no mercado de lã, assim como outras ações adotadas como o investimento em atividades relacionadas ao Marketing de relacionamento, que tinham o objetivo de proteger e

incentivar o desenvolvimento do mercado da lã que havia passado por dificuldades nas décadas anteriores.

Ville (2009) exemplifica seu trabalho sobre o Marketing de relacionamento com um estudo de caso da indústria de serviços rurais “Australasian”, devido à baixa perecibilidade da indústria de lã que teve um forte crescimento a partir de 1860 até a Primeira Guerra Mundial. Toda a indústria da Austrália e Nova Zelândia se organizou a fim de aproveitar o rápido desenvolvimento da atividade ovino pastoril na região, com a indústria da lã sendo responsável por 30% a 50% do resultado da balança comercial desses países, montante resultado de exportações para países como Inglaterra e Estados Unidos.

Uma das formas que a indústria encontrou para se fortalecer foi a intensificação em ações que visam estabelecer de forma concreta o Marketing de relacionamento. A indústria de serviços rurais “Australasian” é o exemplo adotado por Ville (2009) devido aos documentos dessa empresa arquivados e volume de dados armazenados e o histórico armazenado pelo setor.

Segundo Batalha (2007), a bibliografia referente ao sistema agroindustrial aponta duas vertentes com metodologias distintas. A primeira vertente com origem nos Estados Unidos, com Davis e Goldberg e o conceito de *agribusiness*, e posteriormente Goldberg utilizou do conceito de *commodity system approach* (CSA) em um trabalho. A segunda vertente originou-se na França, em 1960, inicialmente desenvolvida na escola industrial e posteriormente aplicada no agronegócio com a nomenclatura de *analyse de filière*.

Conforme Batalha (2007), em 1980, o conceito de cadeia foi utilizado amplamente por pesquisadores brasileiros, resultando na multiplicação de estudos da dinâmica do sistema agroindustrial brasileiro (SAI).

De acordo com Batalha (*et al*, 2007, p. 32), um “sistema agroindustrial pode ser considerado o conjunto de atividades que concorrem para a produção de produtos agroindustriais, desde a produção dos insumos até a chegada do produto final ao consumidor”.

Com o estudo das cadeias produtivas possibilita-se a elaboração de políticas públicas e/ou estratégias que visem fortalecer as cadeias produtivas como um todo ou apenas seus elos e agentes que apresentam gargalos.

4.2 CADEIA PRODUTIVA DO TURISMO

O turismo tem sua cadeia produtiva estudada da mesma maneira que a ovinocultura, com uma análise mesoeconômica permitindo o estudo das interações entre os agentes e os elos formadores da cadeia.

No aporte de Moesch, Monteiro e Antunes (2008), o turismo surgiu no cenário histórico do capitalismo industrial, através das mudanças políticas e sociais, do surgimento da classe média e aumento do tempo livre. Para um destino turístico ser sustentável, deve garantir trocas simbólicas e a experiência da errância para o turista, e garantindo singularidade étnica para a comunidade hospedeira.

Para a Organização Mundial de Turismo (2001), a grande importância do turismo é o fato de impactar e ser impactado de maneira direta ou indireta por 52 setores da economia.

O turismo compreende as atividades que realizam as pessoas durante suas viagens e estadas em lugares diferentes ao seu entorno habitual, por um período consecutivo inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE TURISMO, 2001, p. 11).

Beni (2003) destaca que as agências de turismo são empresas que possuem a finalidade de realizar viagens. Prestam serviços em nome de uma ou mais pessoas, oferecem serviços relativos a transportes, hotelaria e manifestações turísticas de todos os tipos, seja por programas próprios ou escolhidos por clientes. Atrativo turístico é “todo lugar, objeto ou acontecimento de interesse turístico que motiva o deslocamento de grupos humanos para conhecê-los.” (BENI, 2003, p. 302).

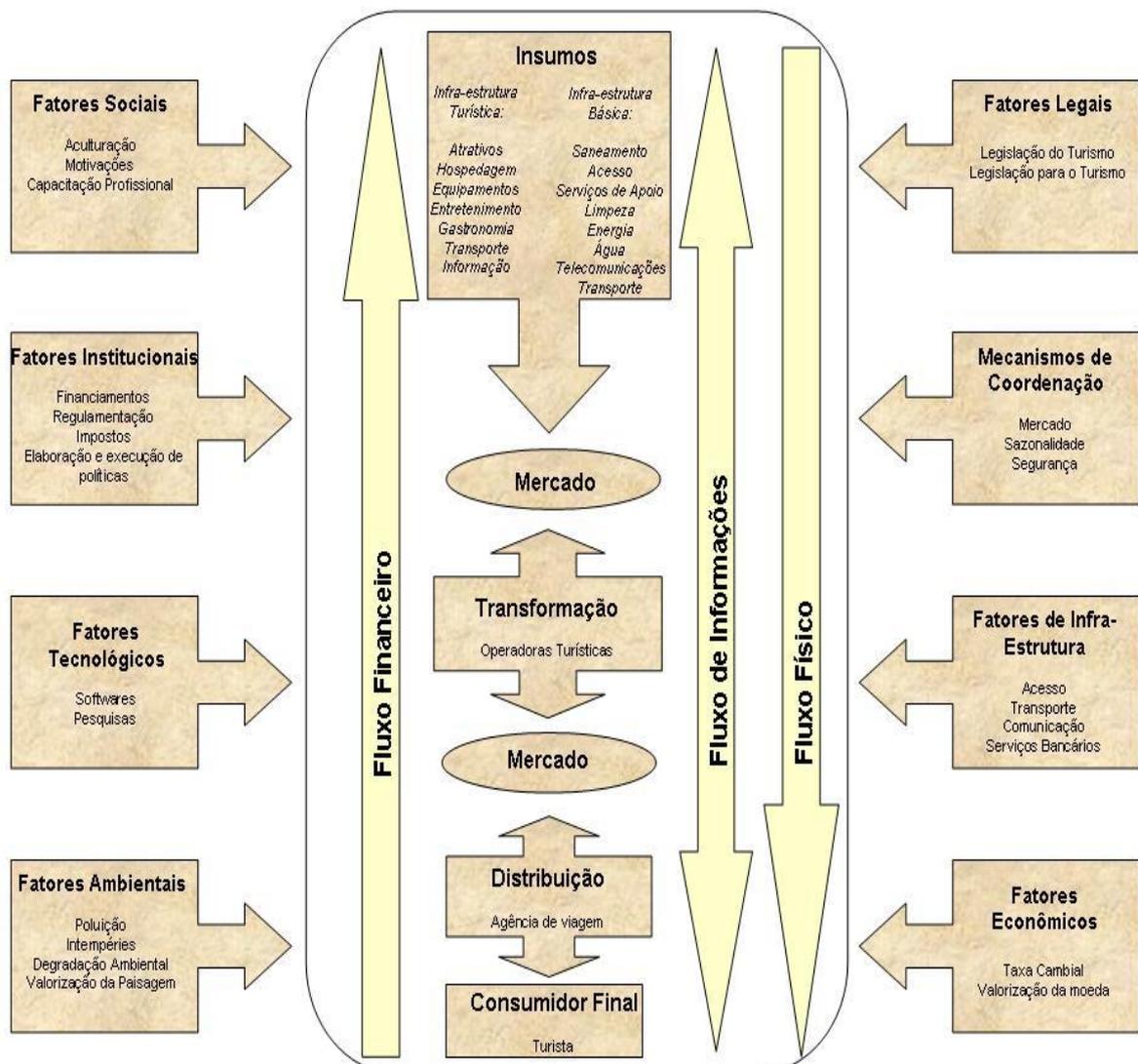
O turismo passa a ser visto como uma atividade complementar à agricultura e pecuária tradicionais no meio rural, principalmente nas áreas próximas aos centros urbanos, sendo as áreas rurais uma contra oferta ao tradicional turismo “sol e praia”. Identifica-se que este tipo de turismo tem resultados em ganhos adicionais a empresários e setores que anteriormente apresentavam-se saturados, estáveis e tradicionais em suas atividades, gerando agora um número elevado de novos cargos

e funções anteriormente inexistentes, exigindo a qualificação e formação do pessoal empregado (BRICALLI, L.C.L., 2004; MARIANI, PALHARES E SORIO, 2010).

Na ótica de Marsden (2010), o desenvolvimento rural vem se tornando cada vez mais diferenciado, resultando do rural e regional o que pode se chamar de eco economia, onde as regiões rurais são chamadas a oferecer um conjunto cada vez mais amplo e diversificado de bens e serviços ecológicos para as áreas urbanas próximas.

Na figura 2, a seguir, é apresentado um esquema genérico da cadeia produtiva do turismo, especificando os principais agentes envolvidos na maioria das transações realizadas por turistas, diferenciando da figura 1 na pag.27.

Figura 2 - Cadeia Produtiva do Turismo.



Fonte: (MICHELS, *et al*, 2006b).

As cadeias produtivas do turismo ou de *commodities* se assemelham em sua estrutura básica com algumas estruturas comuns, sendo estas de jusante a montante: insumos, produção, manufatura/industrialização/transformação, finalizando a cadeia a montante com distribuição e consumidor final.

O Secretario Geral da OMT (2012), afirma ser possível identificar que o turismo vem se desenvolvendo mundialmente mesmo com os diversos fatores desfavoráveis à realização turística nos últimos anos, como guerras, terrorismo e crises econômicas, pois:

El turismo internacional batió nuevos récords en 2011 a pesar de las difíciles condiciones. (...) Para un sector que es responsable directamente del 5 % del PIB mundial, del 6 % de las exportaciones totales y del empleo de una de cada 12 personas tanto en las economías avanzadas como en las emergentes, los resultados son alentadores, especialmente al llegar en un momento en el que necesitamos urgentemente actividades que estimulen el crecimiento y la creación de empleo (Taleb Rifai, 2012b, p.1).*

Segundo Michels *et al*, (2006b) o desenvolvimento do turismo está ligado ao desenvolvimento dos transportes, sendo o turismo dependente do transporte por esse influenciar na escolha do local e da forma como o turismo poderá ocorrer assim como no fluxo que este pode causar, podendo em alguns casos vir a se tornar um atrativo turístico como nos casos dos cruzeiros.

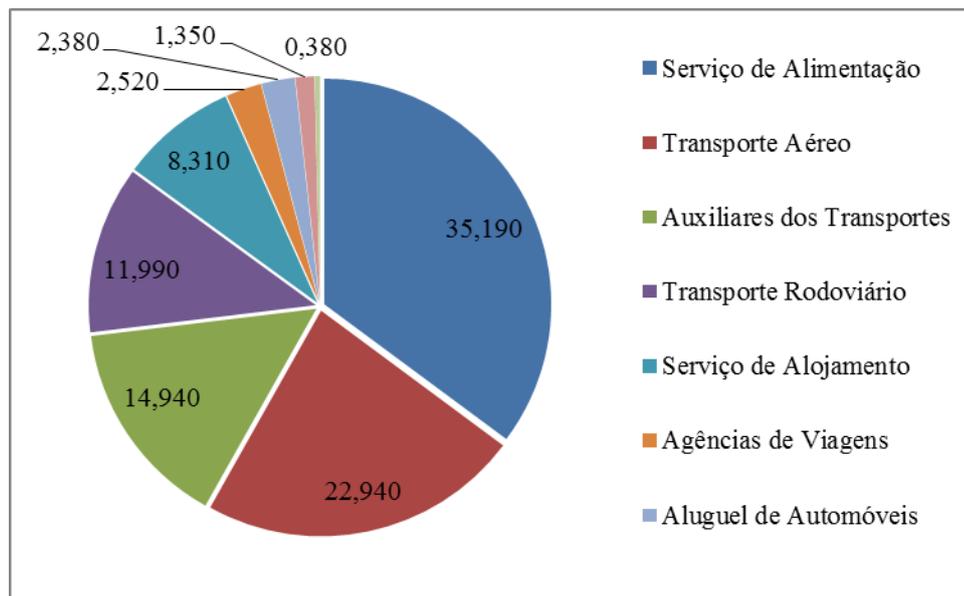
O autor anteriormente citado assinala que o turismo no Brasil pode ser dividido como turismo receptivo e doméstico, sendo o receptivo formado pelo fluxo de estrangeiros que visita o Brasil anualmente, esse turismo sofre forte influência de promoções do país realizadas no exterior e variações no câmbio. Um fator atrativo é o fato de o país estar localizado em uma área pacífica longe de zonas de conflito, possuir atrativos naturais e culturais e em geral o custo de se visitar o Brasil é menor que outros destinos turísticos. O turismo doméstico é formado pelo fluxo de brasileiros que viajam pelo país, sendo o Estado de São Paulo o principal destino devido a atrativos culturais, negócios e eventos.

O gráfico 1 a seguir, tendo como fonte IBGE (2003), demonstra que os ganhos com transporte de passageiros representaram, em 2003, 83,14% (R\$ 15,4

* Taleb Rifai, então Secretário Geral da OMT.

bilhões) da receita operacional líquida das empresas de transporte aéreo. As passagens concentraram quase toda a receita das empresas de transporte rodoviário (95,53% ou R\$ 8,1 bilhões), mas, no que diz respeito ao transporte aquaviário, a proporção era de apenas 4,71% do total (R\$ 255,1 milhões).

Gráfico 1 - Percentual da receita operacional líquida das empresas pertencentes às Atividades Características do Turismo, por setores de serviços - Brasil – 2003.

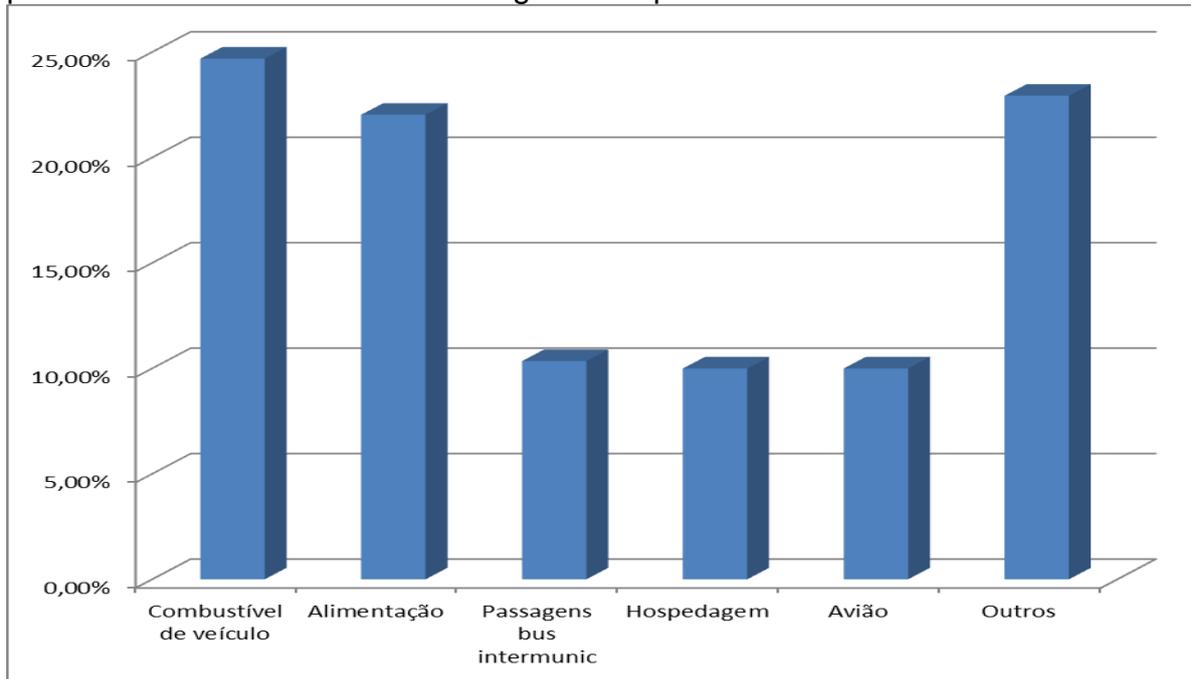


Nota 1 Para as atividades de transporte aéreo rodoviário e aquaviário, foi considerada apenas a receita proveniente do transporte de passageiros.

Fonte: Pesquisa Anual de Serviços 2003, IBGE(c).

Ainda segundo IBGE(c) os gastos com combustível de veículo, alimentação e passagens de ônibus intermunicipal, em conjunto totalizaram R\$ 9,670 bilhões e representaram 56,6% do gasto total como demonstra o gráfico 2 que segue. Gastos com artesanato ficaram ocultos na pesquisa sendo incluídos em um grupo com outros gastos representados por menos de 2% dos gastos totais.

Gráfico 2 - Proporção dos gastos com viagens não rotineiras das famílias no período de referência de 90 dias segundo os produtos – Brasil – 2002- 2003.



Fonte: Adaptado de Pesquisa de Orçamentos Familiares, 2003. IBGE(c).

Os dados anteriores demonstram o volume financeiro que as atividades turísticas movimentam no Brasil, porém fica evidente que a compra de artesanato ainda não tem representação significativa nos gastos com viagens não rotineiras, sendo um ponto com grande potencial a ser explorado.

Segundo o trabalho de Costa (2008), o turismo regional contribui para a inclusão social e para o desenvolvimento sustentável e a cultura é usada como recurso para melhoria de questões sociais, econômicas e políticas. Costa ainda comenta que de acordo com a Economia Criativa uma proposta de desenvolvimento sustentável deve considerar um conjunto de estratégias, dando prioridade a valorização da criatividade e da cultura local, proteção dos direitos autorais e integração entre o setor público, privado e não governamental.

Segundo dados do IBGE Estados (2013), Mato Grosso do Sul tem uma população estimada em 2.449.024, uma área de 357.145,532 Km², com 79 municípios, Produto Interno Bruto (valor adicionado, mil reais) estimado em 2.846.972 na agropecuária, 3.178.558 na indústria e 12.396.930 proveniente de serviços, sendo Campo Grande a Capital do estado possuindo uma economia pautada no setor primário.

O turismo no estado gira em torno de atrativos naturais como o polo turístico de Bonito, negócios em Campo Grande e alguns eventos como festas regionais, festival do sobá em Capo Grande, porco no rolete em São Gabriel do Oeste e a linguiça de Maracaju, existindo também o turismo baseado na aquisição de produtos importados em Ponta Porã (MARIANI, PALHARES E SORIO, 2010).

Conforme IBGE Cidades (2013), a seguir são apresentados dados relacionados à geografia, economia e história dos municípios onde se localizam as oficinas de tecelagem deste trabalho:

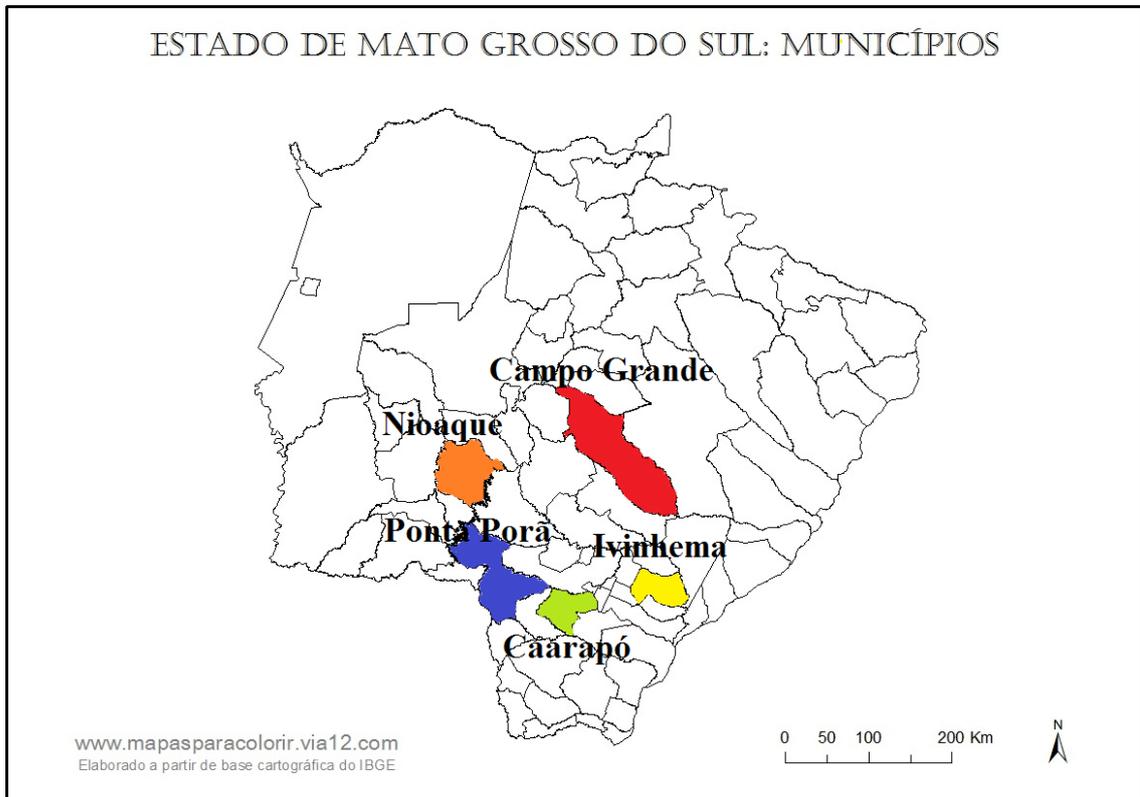
- a) Caarapó surgiu em 1927 de um povoado criado devido à exploração de mate na região pela concessionária Cia. Mate Laranjeira, o nome do município provém da língua tupi-guarani significando “terra da erva mate”. O município apresentava uma população de 25.767 pessoas em 2010 em uma área de 2.089,600 Km², o Produto Interno Bruto (valor adicionado, mil reais) estimado é de 107.351 na agropecuária, 105.217 na indústria e 221.684 em serviços.
- b) Campo Grande tem início no dia 21 de junho de 1872 com o acampamento de José Antônio Pereira e sua comitiva, se tornando a capital do então recém criado estado de Mato Grosso do Sul no dia 11 de outubro de 1977. O município apresentava uma população de 786.797 pessoas em 2010 em uma área de 8.092,951 Km², o Produto Interno Bruto (valor adicionado, mil reais) estimado é de 120.417 na agropecuária, 2.449.273 na indústria e 9.032.998 em serviços.
- c) Ivinhema surge com a aquisição das terras da região por Reynaldo Massi para a criação de uma colônia agrícola e com a chegada das primeiras turmas de trabalhadores no ano de 1961. O município apresentava uma população de 22.314 pessoas em 2010 em uma área de 2.010,168 Km², o Produto Interno Bruto (valor adicionado, mil reais) estimado é de 87.104 na agropecuária, 30.591 na indústria e 146.616 em serviços.
- d) A região de Nioaque foi inicialmente explorada por espanhóis procedentes do Paraguai, no ano 1840 por João Gomes vindo de Cuiabá que se radicou na confluência dos Rios Miranda e Nioaque, em 1847 Joaquim Francisco Lopes com a missão de descobrir uma rota fluvial ligando o Estado do Paraná ao Sul de Mato Grosso estabelece nas proximidades o Porto de São João de Antonina possibilitando a fundação da povoação de Nioaque em 1848. Em 1865, ocorre a tomada da província e queda da praça por parte dos paraguaios, sendo ocupada por um ano e no ano seguinte à saída dos paraguaios sofre novo ataque sendo

queimada, voltando a seu ritmo de progresso em 1870 após o conflito. O nome Nioaque deriva da palavra tupi-guarani “Anhuac”, que significa “clavícula quebrada”. O município apresentava uma população de 14.391 pessoas em 2010 em uma área de 3.923,790 Km², o Produto Interno Bruto (valor adicionado, mil reais) estimado é de 56.464 na agropecuária, 12.652 na indústria e 74.351 em serviços.

- e) A história de Ponta Porã, começa com a criação de uma colônia militar sobre as cabeceiras do rio Dourados por ordem do Imperador Dom Pedro II. Posteriormente, perseguidos políticos que haviam emigrado do Rio Grande do Sul para a Argentina e o Uruguai, passam pelo Paraguai e instalam-se onde hoje está o município. Em 1883, ocorre o total desbravamento da região quando Tomaz Laranjeira estabeleceu arranchamento à margem do rio Verde e Ponta Porã torna-se município autônomo em 1912. Atualmente o município conta com três unidades distritais, Sanga Puitã, o distrito sede e Cabeceira do Apa onde existiu um empreendimento para a confecção de artefatos de lã ovina. O município apresentava uma população de 77.872 pessoas em 2010 em uma área de 5.330,448 Km², o Produto Interno Bruto (valor adicionado, mil reais) estimado é de 169.370 na agropecuária, 136.887 na indústria e 550.005 em serviços.

A figura 3, a seguir, ilustra a localização dos municípios onde existem ou existiram recentemente iniciativas visando à confecção artesanal de artefatos utilizando a lã ovina como matéria prima, destacando com a coloração avermelhada ao centro do mapa de Mato Grosso do Sul o município de Campo Grande capital do estado, em amarelo situa-se o município de Ivinhema, de verde encontra-se Caarapó, Ponta Porã é destacada de azul, e Nioaque de laranja.

Figura 3 - Mato Grosso do Sul e Municípios visitados durante a pesquisa.



Fonte: Mapa do Estado de Mato Grosso do Sul: municípios. Adaptado do site <<http://www.mapasparacolorir.com.br/mapa/estado/ms/estado-mato-grosso-do-sul-municipios.jpg>> Acesso em 15 fev. 2013.

Diettrich (2006) comenta sobre o potencial turístico em Três Lagoas/MS, o qual envolve principalmente contextos histórico, geográfico, estrutural e cultural. O Estado contribui para esse desenvolvimento, pois a região possui um potencial turístico muito rico. Ainda segundo Diettrich, turismo e artesanato são interdependentes, por serem importantes na mesma medida em determinada localidade, destacando a importância da confecção de artigos artesanais para atividades relacionadas com o turismo.

O turismo rural envolve-se com o artesanato local a tal ponto que o artesanato pode tornar-se o principal atrativo turístico de uma região, para chegar a esse ponto necessita-se da ocorrência de sucessão entre os artesões e tecelões responsáveis pela confecção dos produtos artesanais.

4.3 ARTESANATO, TERRITÓRIO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

Vários autores de artigos relacionados ao artesanato, turismo e desenvolvimento local defendem a existência de um grande potencial de expansão do artesanato que está diretamente ligado à cultura local, podendo indicar a identidade da população regional e resultar em algum tipo de desenvolvimento na localidade onde é realizado. É utilizado como instrumento estratégico nas regiões em que o artesanato está inserido, principalmente para obtenção de renda (complementar e/ou principal) e mantenedor da mão de obra local.

No período Neolítico (6000 A. C), surgiram os primeiros artesãos, ocasião em que o ser humano desenvolveu técnicas com a finalidade de polir pedras e fabricar cerâmicas, posteriormente elaborou técnicas de tecelagem das fibras animais e vegetais. Objetos feitos à mão podem ser reportados em todas as épocas e em diversas culturas, porém recentemente foi batizado como artesanato (ALCALDE; BOURLEGAT; CASTILHO, 2007).

No trabalho das autoras, Santos e Coelho-Ferreira (2011), evidencia-se que as condições existentes nas comunidades propiciam a produção de determinados artesanatos, pois na pesquisa, os artesãos da comunidade ribeirinha de Cutininga, município de Abaetetuba, Pará, cujos dois principais artefatos produzidos foram paneiros e brinquedos de miriti, diferentemente de outras ilhas do mesmo município, não recebem crédito de beneficiamento para plantio do açaí.

Permitem assim, segundo as autoras anteriormente citadas, a preservação dos miritizeiros (a palmeira *Mauritia flexuosa L. f.* (miriti) conhecida por fornecer matéria-prima para a confecção de cestaria e brinquedos, ambos de relevância econômica e cultural para a população local) e também a continuidade da produção de paneiros (tipo de cesto utilizado para diversos trabalhos).

Segundo Alcalde; Bourlegat e Castilho (2007, p. 224) “[...] a atividade artesanal está ligada aos recursos naturais, ao estilo de vida e ao grau de comércio com as comunidades vizinhas.” As autoras comentam que o aprendizado nesse tipo de trabalho é adquirido por meio de oficinas ou vivência dos indivíduos, no manejo com a matéria prima e as ferramentas.

Segundo um informante na pesquisa de Costa (2008, p. 175), “[...] o artesão deve conquistar um lugar no mercado, criando produtos com estilo próprio e que dialoguem com culturas locais”.

Alcalde; Bourlegat e Castilho (2007) apontam as principais dificuldades que os indivíduos que realizam a atividade artesanal enfrentam como: escassez de recursos financeiros e crédito, a falta de matéria prima de qualidade, estreito mercado para artesanato, ausência de incentivos governamentais e dificuldades de relacionamento interpessoal.

O artesanato é uma manifestação da vida comunitária onde identidade, cooperação e solidariedade são conceitos essenciais no desenvolvimento local para a manutenção dos atores econômicos e a qualidade de vida das populações locais envolvidas com essa atividade (ALCALDE; BOURLEGAT; CASTILHO, 2007).

Em estudo realizado por Filgueiras (2005) no município de Itapajé no estado do Ceará, o artesanato é fonte de renda para a população rural do estado, em especial o bordado. Este se apresenta como forte alternativa de renda, pois a estiagem e intempéries climáticas dificultam o desenvolvimento regular e constante das atividades agrícolas.

O artesanato é a expressão do meio e do convívio social, logo deve expor o folclore, costumes e cultura da população local. Filgueiras (2005) confirma que os objetos artesanais transmitem informações, características e sinais de um povo ou grupo, traduzem sentimentos e comportamentos, assim configura-se a identidade, a cultura desse povo e, “[...] geralmente os artesãos são moradores de uma mesma comunidade e tem relações intrínsecas entre si, seja nos costumes, no consumo, no comportamento e nos valores” (FILGUEIRAS, 2005, p.22).

O bordado é o artesanato de maior expansão no estado do Ceará, ocupando grande contingente de mão de obra feminina, em geral donas de casa que são também responsáveis pela produção artesanal e por parte da renda doméstica com a receita gerada pela venda dos bordados. O turismo é cada vez mais frequente na região por causa de incentivos e propagandas do governo do estado (FILGUEIRAS, 2005).

O fator idade tem grande importância, pois a atividade é passada de geração em geração, se a população envolvida é jovem, indica que o hábito de bordar pode perdurar por diversas gerações revelando a sucessão das famílias em permanecer

nesta atividade, mantendo viva a tradição e as técnicas utilizadas no processo de produção do artesanato (FILGUEIRAS, 2005).

Na pesquisa realizada por Diettrich (2006) em Três Lagoas/MS, os indivíduos que produzem as peças artesanais consideram que a solidariedade e o companheirismo são de elevada importância para a manutenção da atividade que praticam, porém para uma satisfação plena, necessitam de realização profissional e retorno financeiro. A atividade artesanal é considerada importante pelo grupo devido a renda complementar que gera para as famílias envolvidas.

No município de Tobias Barreto (SE) existe uma forte tradição na produção de peças de artesanato, sobretudo de bordado, pois há uma relação direta entre a atividade e o pólo de confecção existente na localidade. Dentro da cadeia produtiva de confecção agrega-se valor ao produto com os detalhes em bordados. A maioria dos artesãos são mulheres de 21 a 30 anos de idade e com bom nível de escolaridade (SANTOS, R. L., 2007). Filgueiras (2005) identificou que a maior parte dos indivíduos que produzem artesanato é do sexo feminino, mas é cada vez maior a participação dos homens que geralmente são parceiros e filhos.

Santos, E. T. (2007) coloca o artesanato como uma manifestação cultural, arte folclórica, opção de melhoria das condições de vida e absorvedora de mão de obra dos indivíduos envolvidos em sua produção. O artesanato tem grande dependência do apoio de órgãos e instituições por ainda ser um setor informal em sua quase totalidade.

O artesanato é uma das formas mais espontâneas de expressão do povo brasileiro. Em todos os quadrantes do país, é possível encontrar uma produção artesanal diferenciada, feita com matérias-primas regionais e, criada de acordo com a cultura e o modo de vida local. Esta diversidade faz com que o artesanato brasileiro seja rico e criativo (SANTOS, E. T., 2007, p. 47).

Nos países em desenvolvimento como Índia, México e Brasil, o artesanato possui conteúdo cultural, tendo suas atividades formadas por núcleos familiares, geralmente em regiões de grande pobreza. Já nos países desenvolvidos, as atividades artesanais são geralmente constituídas por produtos de qualidade

superior e de alto valor agregado, sobressaindo principalmente países como a Finlândia e Dinamarca que se destacam pela inovação e *design* criativo, arrojado e moderno.

Chaebo (2011) afirma que a palavra “território” tem origem do latim designando pedaço de terra apropriado, no francês pode significar o corpo do príncipe, reinando sobre a terra e os habitantes. A divisão política dos países deriva da definição de território segundo a geografia, onde o território é um espaço que compartilha as mesmas leis e um sistema de governo único. Uma definição mais moderna é a de território enquanto espaços de desenvolvimento, podendo ser construído historicamente em diversas escalas e recortados por ciências distintas.

Segundo Brandão (2007) o Brasil possui uma imensidão heterogênea de comunidades, com as elites nacionais focando nos centros modernos e ignorando o “resto”, esse fato dificulta a criação de políticas públicas de desenvolvimento em escala nacional. O desafio será produzir mudanças que parem com o ciclo de desigualdade e utilizem o potencial existente nas regiões menos modernas do país reduzindo os efeitos negativos da globalização.

O artesanato e/ou artesãos podem ser divididos por territórios, que são regiões divididas com base em critérios geopolíticos. “Os territórios juntamente com as comunidades podem constituir identidades, isso acontece à medida que as pessoas estão estruturalmente localizadas a partir das relações primárias ou secundárias a que se relacionam” (ALCALDE; BOURLEGAT; CASTILHO, 2007, p. 225).

Para Alcalde; Bourlegat e Castilho (2007), o território reproduz um espaço de manifestações e ações na medida em que este está baseado não somente nas características geofísicas, mas também nas relações sociais. A territorialidade para esses mesmos autores, afeta o comportamento humano e apresentam o contexto de territorialidade a partir do conceito ocidental de propriedade privada, sendo “conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo...”.

Santos, E. T. (2007, p. 22) considera que “o espaço territorial é o agente de transformação”, logo esse território deve estar organizado e suas características culturais são muito importantes no processo de desenvolvimento.

Kronemberger *et al.* (2008) utilizaram o método de análise bidimensional, Barômetro, por meio de Escalas de Desempenho com a finalidade de mensurar o

progresso das nações em direção ao desenvolvimento sustentável. Verificaram que o Brasil, em termos ecológicos, encontra-se na condição intermediária muito próxima da categoria de quase insustentável. O índice de bem estar humano também é classificado como intermediário, porém com grau mais elevado que o ambiental. Os autores comentam que o país possui grande capital natural, mas de forma geral o uso de seus recursos é feito de forma insustentável.

Segundo Santos, R. L (2007) o arranjo produtivo é uma alternativa para amenizar os problemas de desemprego, ocupando a mão de obra, dinamizando os mercados locais, preservando os valores culturais, ampliando os conhecimentos que envolvem as características e os valores locais.

De acordo com Santos, E.T. (2007, p. 24).

A manutenção das características culturais é fundamental ao processo de desenvolvimento local e, no caso do artesanato, esta servirá como a marca identificadora do grupo, visto tratar-se de produtos que tem intrínseca ligação com a cultura local.

Para Dietrich (2006) enquanto o desenvolvimento local pode ser compreendido a partir dos interesses e potencialidades locais para melhoria de vida por meio da organização e iniciativas de determinado grupo, a atividade turística envolve diversas áreas, direta ou indiretamente. O artesanato, segundo o autor, pode servir como produto de consumo para as pessoas que viajam para determinado local ou como geralmente ocorre servir como atrativo turismo.

Segundo Santos, R. L (2007), a abordagem de desenvolvimento somente pela perspectiva do crescimento econômico se reflete em inúmeros problemas e atualmente há outros fatores e/ou aspectos a se considerar no contexto de desenvolvimento e crescimento econômico, como por exemplo, capital social, cooperação, capital humano e a aprendizagem.

“Os fatores decisivos para o desenvolvimento local são: melhorar a distribuição de renda, assegurar a sustentabilidade, elevar a qualidade de vida, potencializar os recursos próprios e estabelecer vinculação com as instituições locais” (SANTOS, E. T., 2007).

As associações produtoras de artesanato ovino se enquadram como sustentáveis por fatores sociais, ambientais e econômicos, também se enquadram no capitalismo natural. Nos fatores sociais empregam pessoas de baixa renda e com baixo grau de escolaridade, a atividade gera um envolvimento social entre os participantes criando vínculos sociais e apreensão do conhecimento. Gera renda, complementando os ganhos dos envolvidos que possuem o artesanato como importante fatia da sua renda familiar. Os produtos utilizados não agredem o ecossistema e visam o máximo aproveitamento da lã, que é atualmente um subproduto da criação de ovinos. (HARD, S. L. e MILSTEIN, M. B., 2004).

É possível extrair corantes e conferir brilho por meio de substâncias presentes na entrecasca de espécies arbóreas que possuem propriedades fixadoras de corantes. Não é necessária a derrubada dessas espécies para a coleta, apenas a retirada da entrecasca, pois essas espécies possuem diâmetro considerável (LEONI, 2005). Esse fato demonstra o nível de sustentabilidade que existe na produção de corantes e substâncias naturais utilizados na manufatura de artesanatos locais.

Destacando assim a importância dos produtos artesanais, nas atividades relacionadas ao turismo e principalmente ao turismo rural, para o desenvolvimento econômico, educacional e social de comunidades rurais.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo, são apresentados os resultados obtidos através dos questionários, formulários e entrevistas realizados no decorrer da pesquisa. As discussões referentes aos resultados se fazem presentes neste capítulo, com a aplicação da análise de conteúdo como método de análise dos dados qualitativos.

Os recursos utilizados no início dos trabalhos artesanais com lã, nos casos dos projetos fomentados pelo poder público em Ivinhema, Caarapó e Ponta Porã, foram geridos pelos governos municipais mesmo tendo origem federal, dando início as associações de produção de artesanato com lã ovina.

Conforme a organização não governamental denominada Ecoa - Ecologia e Ação:

O projeto Produção Sustentável e Capacitação no Assentamento Andalucia - Nioaque/MS é executado pela organização não-governamental Ecoa - Ecologia e Ação com apoio do Programa de Pequenos Projetos (PPP). Os recursos de 30 mil dólares recebidos do PPP, Fundo para o Meio Ambiente Mundial (GEF), Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) e Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN) serão destinados para a implantação de um núcleo de capacitação e produção de uma linha socioambiental de produtos do Cerrado. As iniciativas têm a parceria do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incra), do Instituto de Desenvolvimento Agrário, Assistência Técnica e Extensão Rural (Idaterra) de Nioaque e da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) (ECOIA - ECOLOGIA E AÇÃO, 02 maio, 2002, p.1).

O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE através de iniciativas como incubadoras e/ou treinamentos relacionados à gestão e ao design dos produtos, auxiliou na formação de todas as oficinas empreendedoras responsáveis pela produção de artesanato ovino.

Segundo a Colaboradora do SEBRAE, Ana Karolina Monteiro*, não foi possível localizar documentos que mostram a participação do SEBRAE nos projetos, devido ao fato dos documentos anteriores ao ano de 2009 não estarem digitalizados,

* Entrevista autorizada por Ana Karolina Monteiro.

porém a mesma encaminhou por e-mail dois arquivos referentes a relatos e notícias a respeito do envolvimento do SEBRAE com as oficinas de artesanato de lã. Os arquivos em anexo ao trabalho relatam alguns cursos oferecidos pelo órgão à oficina de tecelagem de Caarapó e as datas em que ocorreram, assim como alguns dados a respeito do início e desenvolvimento do grupo.

5.1 INSUMOS, PRODUÇÃO E LOGÍSTICA

Os quatro locais onde a propriedade das máquinas é comunitária pertencendo ao grupo de produção (Ivinhema, Caarapó, Cabeceira do Apá e Nioaque) apresentaram semelhanças quanto a preparação da lã e produção de baixeiros, destacando que no assentamento Andalucia o novelo de lã é comprado do grupo de Caarapó, pronto para o trabalho na tecelagem. Os grupos produtores utilizam a lã como matéria prima e buscam utilizar produtos naturais para tingir a lã, sendo esses recursos preferencialmente reaproveitados, como a erva mate e a casca de cebola, na confecção buscam utilizar também fibras vegetais naturais como fibra de bananeira e algodão.

A maioria das pessoas que trabalham nos grupos de tecelagem em Ivinhema, Caarapó, Cabeceira do Apa e assentamento Andalucia em Nioaque, são de mulheres acima de 40 anos que trabalharam na lida do campo e no meio rural, sendo considerável o número de pessoas que migraram para o estado há mais de uma década; algumas possuem ensino médio, a maioria possui ensino fundamental e duas são analfabetas no caso de Caarapó.

Dos três projetos visitados nos dias 21 e 22 de julho de 2011, apenas Caarapó se encontrava em atividade. Os projetos de Ivinhema e Ponta Porã se encontravam parados desde março de 2011 e julho de 2010 respectivamente. Ivinhema voltou a produzir baixeiros ainda no ano de 2011, com a participação de três senhoras que deram continuidade ao projeto. Porém, o projeto teve continuidade com um número reduzido de integrantes em Ivinhema.

Existia o desejo de darem continuidade com o projeto no município de Ponta Porã, com a aquisição de novas máquinas, com recursos de origem federal, que reduziriam os custos e daria maior agilidade a produção na Cabeceira do Apa,

entretanto devido à demora na liberação dos recursos o projeto teve de ser suspenso e os participantes buscaram novas ocupações e atividade na região encerrando assim a oficina de tecelagem.

Outro ponto comum no caso das associações e grupos comunitários produtores é a divisão da receita, uma vez que a remuneração via pagamento salário, era realizada em grande parte segundo a produção. A aquisição da matéria prima (lã) também ocorria de forma semelhante sendo trocada por serviços e não comercializada, com exceção do grupo do assentamento Andalucia em Nioaque que adquire os novelos prontos do grupo de Caarapó e Campo Grande onde a lã é comprada diretamente de produtores ou de intermediadores que realizam a tosquia em diversas propriedades localizadas no estado e em estados vizinhos.

Na Associação da Vila Cristina no município de Ivinhema e na Cabeceira do Apa no município de Ponta Porã, a matéria prima lã era trocada pelo serviço da tosquia das ovelhas. Já em Caarapó ocorre a troca da lã pelo serviço de manufatura de parte deste material, sendo que 30% da lã é devolvida como produtos acabados, em geral como baixeiros utilizados na lida das fazendas onde os ovinos são criados e a lã é produzida.

A figura 4 a seguir, ilustra os baixeiros que em geral são utilizados como pagamento pela lã adquirida diretamente de produtores. Estes são produzidos a partir de diferentes tipos resultantes da grossura da linha utilizada, sendo possível produzir diferentes figuras dependendo da coloração do fio de lã utilizado na confecção de cada peça. A imagem possibilita observar a diferença entre um baixeiro de lã branca tecida em fio médio e um baixeiro de lã escura tecido com fio fino, nenhum dos baixeiros apresenta tingimento, sendo produzidos com lã de pigmentação original dos ovinos.

Figura 4 - Baixeiros produzidos em Caarapó.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 21/07/2011.

Em Ivinhema, o projeto de produção artesanal com lã de carneiros do Centro Integrado de Associação ao Trabalhador (CIAT) localizado na Gleba de Vila Cristina, iniciado em 2008, esteve suspenso e foi transferido de local, da Escola Estadual General Osorio localizada na vila para a residência de uma senhora que participava do grupo inicial e dá continuidade a tecelagem. Esta atende pelo nome de Jorgina e participava do projeto original, permanecendo como fiel depositaria das máquinas do projeto (roca e máquinas de cardar). Atualmente, o projeto está reduzido a três senhoras, duas aposentadas e a Jorgina, que se reúnem duas vezes por semana (segundas e quartas-feiras) para produzirem baixeiros, utilizando a lã preparada e estocada do projeto inicial, na casa de Jorgina.

As figuras a seguir ilustram o local onde parte da lã estava estocada e onde as artesãs se reuniam inicialmente para produzirem as peças (fig. 5).

Figura 5 - Escola Estadual General Osório – Vila Cristina – Município de Ivinhema.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 21/10/2011.

A intenção foi dar continuidade à produção de baixeiros apenas com essas três senhoras, parando a produção de edredons devido à falta de pessoal, o tempo demandado na produção e a baixa demanda. Das 22 mulheres que participavam do projeto, apenas três senhoras continuaram a produzir baixeiros, uma vez que para

produzir os edredons era necessário o trabalho de 4 tecelãs durante uma semana. O restante do grupo foi empregado por uma usina de fécula de mandioca e uma granja que se instalaram na região ou passaram a se dedicar aos serviços domésticos e a formação e criação de seus filhos.

O maquinário utilizado era pequeno cabendo em um pequeno galpão (ver fig. 6) ao lado da residência de Jorgina, local onde atualmente ela trabalha, em conjunto com duas senhoras que participavam do projeto inicialmente, porém, elas combinaram de realizar as atividades relacionadas à produção do artesanato de lã produzindo apenas baixeiros durante dois dias fixos na semana, utilizando da lã estoca no início do empreendimento.

Figura 6 - Galpão ao lado da residência de Jorgina, Vila Cristina, município de Ivinhema em 21/10/2011.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 21/10/2011.

O galpão encontra-se ao lado da residência de Jorgina, construção utilizada como depósito da lã já preparada para a tecelagem, sendo esta lavada e seca, essa lã foi adquirida no início do programa como pagamento pela tosquia, com o material

preparado para a tecelagem, carda-se e fia-se a lã na roca, o fio utiliza-se para a confecção de baixeiros. Pode-se armazenar a lã após lavagem e secagem, pois esta se torna um material com baixa perecibilidade, sendo depois estocada por longos períodos. Em Ivinhema, encontra-se estocada na escola estadual, utilizando o depósito também para guardar o maquinário utilizado e parte do produto finalizado.

A Figura 7 a seguir ilustra a máquina de cardar a lã utilizada em Ivinhema, a máquina é de pequeno porte e apresenta uma produção semelhante a manual, porém com a vantagem de ser mais rápida.

Figura 7 - Máquinas de cardar lã - Vila Cristina, município de Ivinhema, 21/10/2011.

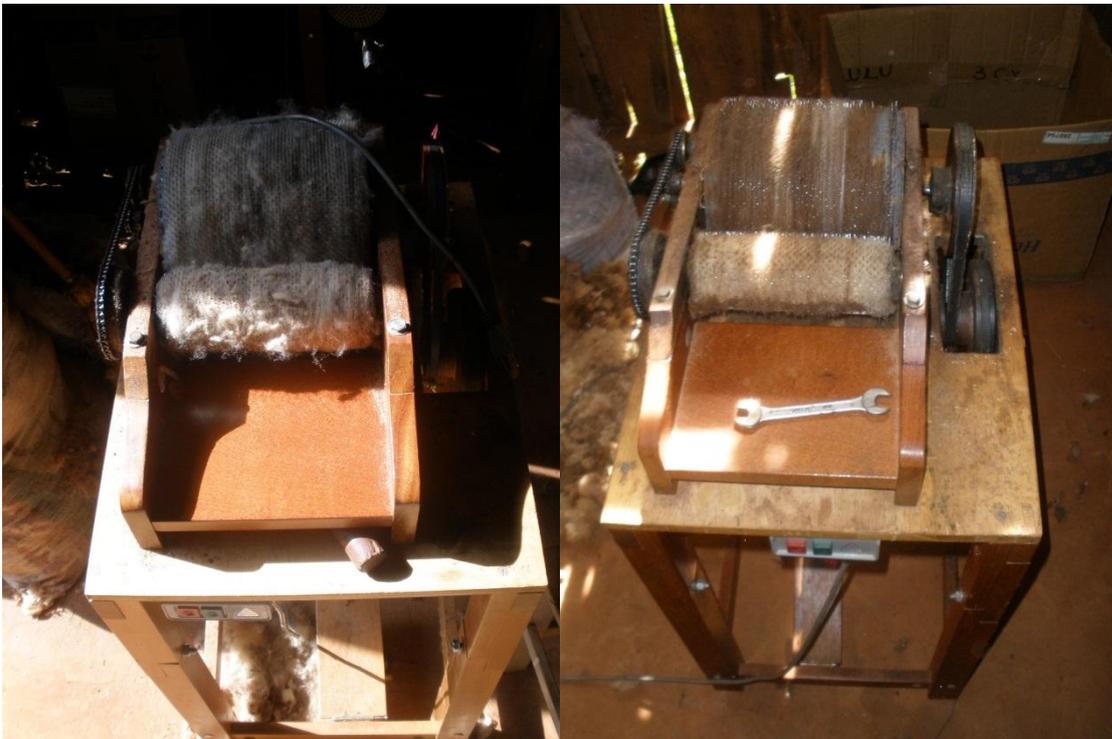


Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 21/10/2011.

A seguir, pode-se identificar uma roca elétrica (ver fig. 8), utilizada para manufaturar a lã lavada e cardada em linhas de diferentes tamanhos e posteriormente transformando a linha em novelo.

Figura 8 - Roca Elétrica - Vila Cristina, município de Ivinhema, 21/10/2011.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 21/10/2011.

Em 21 de outubro de 2011 aplicou-se o Formulário II voltado para as pessoas que pararam de trabalhar com artesanato na Vila Cristina em Ivinhema. Segundo a entrevistada Juliana Alvez de 22 anos de idade, com escolaridade em ensino médio completo, residente na Vila Cristina, empreendedora de um salão de beleza e uma participante do programa de produção de artesanato ovino durante o ano de 2009, “o principal motivo das pessoas terem deixado o programa em busca de outras atividades, se deve a baixa remuneração em alguns meses, chegando ao mínimo de 40 reais” valor que representou menos de 30% da renda da sua família.

Antes de Juliana trabalhar com artesanato ela trabalhou na roça, mas atualmente atua em um salão de beleza e se diz satisfeita com essa atividade, pois enquanto tecelã desenvolvia produtos como baixeiros, edredons, jogo americano e pega pão. Ainda segundo a fala de Juliana “Levava uma semana e três ou quatro pessoas pra produzir um edredom, eu produzia três baixeiros em dois dias de trabalho sem a ajuda de outras meninas”. A produção era separada por etapas lavagem, abertura, cardagem, fio e tecelagem. No total, eram produzidos em média 30 baixeiros e 8 edredons com 20 pessoas trabalhando.

Com a mudança do artesanato para o salão de beleza, Juliana teve como ganho a liberdade de poder tomar decisões sem ter de participar de discussões com o grupo e o resultado positivo de uma remuneração maior, sendo que o principal motivo de ter deixado a tecelagem foi a “falta de um salário maior, teve mês que a tecelagem deu 30 reais, outro deu 40, variava muito”. A procura por produtos artesanais na opinião da Juliana é insuficiente, mesmo com os produtos artesanais tendo o diferencial de serem difíceis de encontrar. Esta artesã participou de cursos de tosquia (ver fig. 9) e designer, mas sente falta das amizades que tinha quando participava do trabalho com artesanato e em suas palavras “volto para o artesanato se todas as meninas voltarem”. Ela também viajou para Belo Horizonte pelo projeto com o apoio do SEBRAE e da prefeitura de Ivinhema.

Figura 9 - Treinamento de tosquia.



Fonte: Imagens cedidas pelo CIAT, município de Ivinhema, 22/08/2008.

Segundo Elaine Escarmanhani, responsável pelo Centro Integrado de Atendimento ao Trabalhador (CIAT), existiram recursos Municipal, Federal do CRA,

e Estadual através das parcerias com o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - SENAR, SEBRAE, Secretária de Cultura para o Planejamento e a Implementação do Projeto de Produção de Artesanato com Lã na Vila Cristina em Ivinhema.

O Centro Integrado de Atendimento ao Trabalhador (CIAT) é responsável por 11 projetos envolvendo diferentes tipos e técnicas de artesanato, dentre estes projetos está o artesanato com lã, com a fabricação de papéis reciclados a partir de materiais alternativos como casca de alho e cebola, a fabricação de doces caseiros, oficinas de costura, tecelagem e fabricação de artefatos de madeira.

Na Cabeceira do Apa, em Ponta Porã, a associação fundada em 2005 denominado Apoaporã foi encerrada devido à falta de máquinas apropriadas para cardar e processar a lã, fato que obrigava as artesãs a transportar a lã para ser cardada em Campo Grande tornando o processo de preparação da lã árduo e oneroso. Esse processo elevava muito os custos de produção reduzindo a margem de lucro dos participantes, fato que acabou causando a desistência dos mesmos do programa.

Segundo a Sra. Ecilda Matos Pereira inicialmente participavam 20 pessoas, produziam tapetes, baixeiros e ponchos, no final do projeto apenas 3 pessoas continuavam produzindo tapetes e baixeiros com lã tingida, couro bovino e ovino e palha de bananeiras (ver fig. 10, 11 e 12).

O processo tem início com a lavagem e a secagem da lã que pode ser realizada em estufa, caldeira ou em tela como na fig. 10.

Figura 10 - Secagem da lã em telas, após processo de lavagem.



Fonte: Imagens cedidas pela Ecilda, Cabeceira do Apa no município de Ponta Porã, 22/07/2011.

Existe a possibilidade de tingir-se a lã lavada, o processo pode ser realizado de diferentes maneiras, resultando em diferentes cores e tonalidades em decorrência das substâncias utilizadas e do material dos recipientes utilizados no processo (fig.11).

Como em Caarapó, utilizavam técnicas de tingimento da lã, com o diferencial de buscarem alternativas para os corantes que necessitavam de cascas de árvores nativas e utilizavam tachos de diferentes metais (cobre, ferro e alumínio) buscando novas tonalidades (fig.11).

Figura 11 - Processo de tingimento da lã.



Fonte: Imagens cedidas por Ecilda, Cabeceira do Apa no município de Ponta Porã, 22/07/2011.

Um ponto a destacar é que esta associação adquiria tiras de couro bovino e de pele de ovinos e fibra de bananeira para a confecção dos tapetes (fig. 12). Produção semelhante a encontrada no assentamento Andalucia onde são confeccionados tapetes com lã associado à fibra de bananeira e/ou algodão produzido pelos assentados.

Figura 12 - Tiras de couro ovino e bovino utilizados na confecção de tapetes.



Fonte: Imagens cedidas por Ecilda, Cabeceira do Apa no município de Ponta Porã, 22/07/2011.

Os participantes possuíam uma jornada de 6 horas e conseguia-se produzir até 10 baixeiros e alguns tapetes por dia, gerando no total até 50 peças por dia com três pessoas trabalhando.

Existia a expectativa que ainda no ano de 2011, com recursos de um projeto federal, a associação conseguiria adquirir o maquinário necessário para a lavagem, cardagem e tingimento da lã, porém devido à demora os participantes optaram por atuar em outras áreas do setor rural local.

A Ecilda de Ponta Porã possibilitou o contato via celular com a senhora Creuza Rodrigues Pereira Recalde que era a responsável pelo treinamento do pessoal e já tinha trabalhado cinco anos com o artesanato de lã. Segundo ela, era bom trabalhar com o artesanato, pois produziam cobertor, tapetes e baixeiros e que gostaria de voltar a trabalhar com artesanato ovino, porém recebendo um salário fixo

mensal (é casada e essa foi uma sugestão do marido) e não sendo remunerada segundo sua produção.

Ainda de acordo com Creuza chegaram a realizar a tosquia, o serviço era pesado e por isso só voltaria a essa atividade se tivesse um salário fixo. O projeto foi iniciado com 28 pessoas, mas apenas 8 ou 9 tomaram gosto e aprimoraram a produção. Os tecelões pagavam pelo fio de lã produzido pelos colegas, as despesas eram tiradas da receita e o lucro era dividido segundo a produção individual. A lã era cardada em Campo Grande. Segundo esta artesã o projeto mingou devido à falta de apoio da prefeitura local, pois existia muita demanda para baixeiros por parte dos pantaneiros "fazia linha, baixeiros, tapetes, cobertas, o pessoal era treinado pra fazer tudo, mas escolhiam a atividade que tinha mais jeito, mas precisando fazia de tudo".

É importante destacar que só foi possível estabelecer contato com esta senhora por ela possuir antena para celular, sendo que os outros membros não possuem celular por não terem antena nem sinal, ou se possuem só utilizam para fazer chamadas quando se deslocam para área onde existe cobertura por parte das operadoras de celular.

Os recursos que deram início ao programa da Cabeceira do Apa tem origem do Ministério da Integração Nacional por intermédio do Deputado Federal Antônio Carlos Biffi. Em setembro de 2011, deveria ser liberada nova verba federal para aquisição de novos maquinários, mas o recurso não foi efetivado. Ecilda, professora aposentada e entusiasta do projeto de Ponta Porã informa que devido a verba não ter sido liberada ao programa e por motivos de saúde ela não será inserida no projeto, sendo que este se encontra sem perspectivas de retorno as atividade produtivas.

Em Caarapó, o projeto existe há mais de 13 anos e continua em funcionamento. Inicialmente em 1997 contou com incentivos municipais, mas atualmente não tem recebido incentivos vindos da prefeitura. Existem máquinas específicas para o tratamento da lã, porém devido ao tempo de uso e a falta de manutenção técnica algumas apresentam defeitos, mau funcionamento ou estão paradas.

A seguir, a figura 13 mostra as instalações onde os artesãos fabricam os produtos oriundos da lã ovina, iniciando o processo com a lavagem e posteriormente a secagem da lã, podendo em seguida aplicar pigmentos com a finalidade de tingir a

lã. O processo seguinte consiste na cardagem da lã que em grandes volumes são enviadas a Campo Grande onde a máquina profissional carda grandes volumes de lã e com a lã cardada é possível fazer linhas de diferentes cores e espessuras na roca elétrica.

Figura 13 - Associação de Arte e Artesanato, Vale da Esperança – Caarapó, MS.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 21/07/2011.

A tecelagem perdeu vários tecelões ao longo do tempo, tendo iniciado com 20 participantes, dando destaque aos que deixaram a tecelagem para trabalhar na prefeitura. Atualmente, seis pessoas participam do projeto, os equipamentos são coletivos, mas é possível notar a divisão do trabalho, sendo que algumas pessoas apenas tratam da lã, enquanto outras cuidam apenas da tecelagem, porém algumas pessoas são mais flexíveis no processo e atuam momentaneamente na parte que é mais necessária sua atuação.

Das seis pessoas que trabalham diretamente na Associação de Arte e Artesanato Vale da Esperança, Caarapó - MS, uma é do sexo masculino, atendendo

pelo nome de João Marques e é filho da senhora Josefa Marques Mazarão. As outras pessoas são cinco senhoras incluindo a Josefa. A remuneração é por produção e ocorre após a venda dos produtos, sendo horário e ritmo de produção ditada pelos participantes individualmente (ver fig.14).

Figura 14 - Artesãos e pesquisador no centro da imagem – Associação de Arte e Artesanato – Vale da Esperança – Caarapó MS.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 21/07/2011.

Grande parte da lã recebe tingimento, utilizando materiais como cascas de arvores, casca de cebola e erva mate, mas se difere do tingimento de Ponta Porã por utilizar apenas dois tipos de tachos para o tingimento, gerando assim uma gama menor de cores e tonalidades.

No aporte de Josefa a verba do programa era proveniente da EMBRATUR e existiu um forte apoio da prefeitura de Carrapó, por parte do então prefeito Guaracy Boschilia existindo também apoio do SEBRAE. Segundo documento do anexo B enviado pela colaboradora do órgão, Ana karolina Monteiro, por insistência

da então primeira dama do município de Caarapó, Maria Helena, realizaram-se oficinas e cursos com a finalidade de aprimorar e melhorar a condição da tecelagem da Associação de Arte e Artesanato, Vale da Esperança, destacando a necessidade de inserir o produto no mercado.

Na assertiva de João Rubens responsável pelo empreendimento Souza Costa & Costa Neto, com nome fantasia de Lanifício Pantanal, localizado em Campo Grande, atuando no ramo desde o ano de 2004, os principais fatores de sucesso de um empreendimento ligado ao artesanato são “Persistência, planejamento, pesquisar o mercado pra saber onde crescer, os pontos fortes e os pontos fracos”. O Lanifício Pantanal conta atualmente com 4 funcionários terceirizados, 8 fixos, sendo 1 da família e 4 familiares.

Atualmente, leva em média 40 minutos para produzir um baixeiro e meio hora para produzir uma manta, No mês de fevereiro de 2012 foram produzidas mais de 1500 peças, sendo mais de 507 baixeiros, 963 mantas, 73 coxinilho, lã cortada. Atualmente comercializa baixeiros, lã lavada, cardada, mantas, fios, tapetes, coxinilho, tapetes e lã suja, no início produziam redes pantaneiras, mas por falta de demanda pararam com a produção.

Lanifício Pantanal realiza a venda de lã cardada para Caarapó e realizou a venda de lã cardada para Ponta Porã. O processo de produção se diferencia dos demais empreendimentos devido a diferença das máquinas utilizadas. O processo produtivo consiste em lavar a lã em uma grande máquina de lavar lã e em seguida centrifugar (figura 15), indo para o processo de secagem em estufa ou fornalha a lenha se estiver chovendo ou precisar acelerar a secagem (figura 16), seguindo para a máquina de rasgar a lã (figura 17), onde a lã desfiada mecanicamente segue para a máquina de cardar (figura 18) e depois para o processo de fiação ou para a fabricação de mantas.

O processo tem início com a lavagem da lã bruta, seguindo para a centrífuga, tendo continuidade com a secagem da lã em estufa (fig. 15).

Figura 15 - Lavagem e centrifuga da lã – Lanifício Pantanal – Campo Grande, MS.



Foto de: Thiago G. Oliveira, 30/03/2012.

A figura abaixo (fig. 16) demonstra a lã em processo de secagem em estufa e imagem da caldeira utilizada em dias húmidos sem sol para acelerar o processo da secagem da lã úmida.

Figura 16 - Secagem em estufa e fornalha – Lanifício Pantanal – Campo Grande – MS.



Foto de: Thiago G. Oliveira, 30/03/2012.

A figura 17 ilustra a manipulação da lã na máquina que realiza o processo de rasgar a lã antes da carda. A máquina da prepara a lã já limpa e seca para a etapa de cardagem.

Figura 17 - Máquina de rasgar lã – Lanifício Pantanal – Campo Grande – MS.

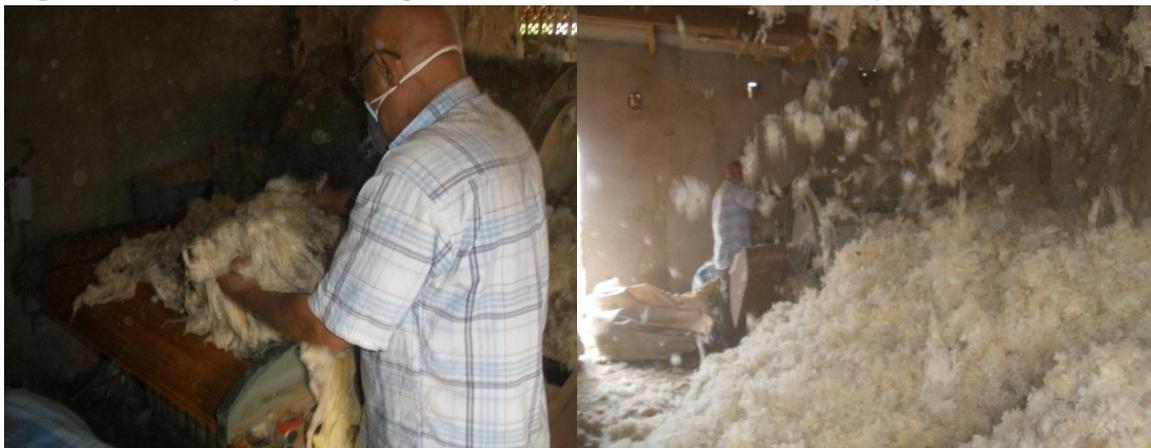


Foto de: Thiago G. Oliveira, 30/03/2012.

Na figura 18, o funcionário “alimenta”, com lã rasgada, a máquina que carda a lã ovina. O processo ocorre de maneira contínua quase automática, onde o funcionário, que alimenta a máquina de rasgar, transporta a lã que a poucos instantes era rasgada para a cardadora, onde um segundo funcionário transporta a lã preparada para dentro da máquina que em seguida gera a lã já cardada do lado oposto.

Figura 18 - Funcionário transferindo lã “rasgada” para a máquina de cardar (esquerda), lã em processo de carda (direita) – Lanifício Pantanal – Campo Grande, MS.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 30/03/2012.

Na figura 19, ocorrem as etapas finais da produção, onde são fiadas as linhas e tecidos os baixeiros, encerrando assim o processo de produção desse produto.

Figura 19 - Produção de linha ao fundo e tecelagem de baixeiros à frente – Lanifício Pantanal – Campo Grande – MS.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 30/03/2012.

O transporte da matéria prima e do produto acabado no caso do Lanifício Pantanal é realizado por caminhão próprio da empresa, uma F350, no transporte de curta distancia e via transportadora para envio dos produtos para outros estados.

No assentamento Andalucia localizado no município de Nioaque a aproximadamente 20 km por estrada de terra do km 303 da rodovia BR 419 e visitado dia 05 de fevereiro de 2013, as atividades relacionadas à tecelagem estavam paradas devido as festividades do fim do ano e seriam retomadas após o carnaval. A produção da tecelagem é puxada, sendo produzida por encomenda,

além da tecelagem existem outras atividades que esse grupo de produção realiza que geram renda de maneira sustentável no assentamento.

A figura 20 possibilita a visualização do Centro de Produção Pesquisa e Capacitação – CEPPEC localizado no lote 36 do Assentamento Andalucia (fig. 20 esq.), onde está a oficina de tecelagem (fig. 20, dir.), no CEPPEC além da tecelagem são confeccionados produtos artesanais como licores, bombons, castanhas, geleias, doces e farinhas com matéria prima originada do extrativismo.

Figura 20 - Centro de Produção Pesquisa e Capacitação – CEPPEC e oficina de tecelagem.



Foto de: Thiago G. Oliveira, 05/02/2013.

Além da oficina de tecelagem o CEPPEC conta com uma estrutura física para a produção de castanha, farinhas, geleias, licores e doces (fig. 21), a grande maioria da matéria prima para a produção desses alimentos se obtêm no próprio assentamento através de técnicas de extrativismo.

Figura 21 - Cozinha e sala de reuniões.



Foto de: Thiago G. Oliveira, 05/02/2013.

A tecelagem não utiliza apenas fibras de lã para confeccionar produtos como tapetes, jogo americano (com barbante), cachecol, passadeira, xales e echarpes, utilizam-se também barbantes adquiridos no mercado na região, algodão fiado produzido no assentamento e fibra de bananeira coletados pelos assentados e as tecelãs, a lã é adquirida na Associação de Arte e Artesanato, Vale da Esperança em Caarapó (fig. 22).

Figura 22 - Matéria prima utilizada na tecelagem no Assentamento Andalucia em Nioaque, novelos de lã e algodão.



Foto de: Thiago G. Oliveira, 05/02/2013.

O grupo possui uma logomarca com base na construção onde se localiza a sede do assentamento sendo uma construção antiga de arquitetura espanhola. Utiliza-se a logomarca nas embalagens, rótulos e em panfletos que promovem a CEPPEC e os produtos com o conceito de sustentabilidade ecológica e social, divulgando assim o projeto (fig. 23).

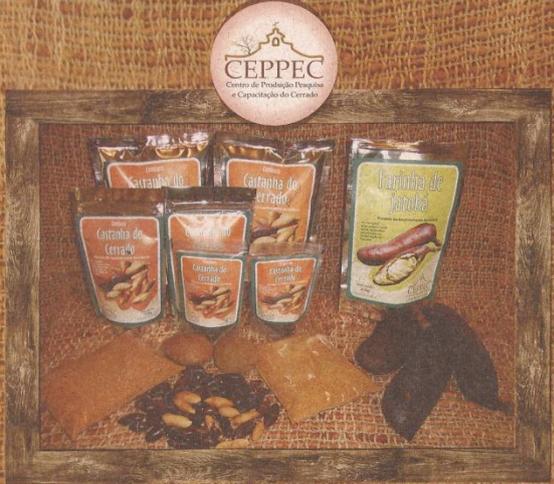
Figura 23 - Panfleto promocional do Centro de Produção Pesquisa e Capacitação – CEPPEC.



Assentamento Andalúcia, lote 36 – Nioaque/ MS
 Telefone. 67 9574 -7680
 Site. www.ceppec.org.br • E-mail. contato@ceppec.org.br

Apoio Financeiro:





No assentamento vivem 164 famílias, cerca de 700 pessoas que convivem com uma belíssima paisagem composta pelo Morro Solteiro, Rio Taquarussu, Serra e Várzeas, além de flora e ave-fauna importantes para a região.



As atividades desenvolvidas não geram apenas renda, geram sonhos, auto-estima e uma vida nova para estas famílias. É a materialização de um sonho coletivo de viver e se manter nos assentamentos rurais com qualidade de vida e prosperidade.



O CEPPEC foi construído pelo mesmo projeto no assentamento e se estrutura na inserção da proposta de turismo rural sustentável, proporcionando aos seus visitantes a oportunidade de conhecer de perto a realidade do Assentamento Andalúcia.

Nossa História.

O Centro de Produção, Pesquisa e Capacitação do Cerrado - CEPPEC, surgiu e se consolidou com o projeto de produção sustentável e capacitação em 2005 no Assentamento Andalúcia, município de Nioaque no Mato Grosso do Sul a 220 km da capital Campo Grande.

A iniciativa promove vários cursos de capacitação com a comunidade, buscando desenvolver e diversificar a capacidade produtiva e melhorar a qualidade de vida das famílias em equilíbrio com o patrimônio ambiental do cerrado.



Produtos

Os produtos são feitos a partir de recursos naturais existentes no assentamento como:

- Castanha do cerrado (Cumbaru);
- Bombons;
- Geléias;
- Licores;
- Doces;
- Conservas;
- Farinha de frutas nativas (Bocaiuva e Jatobá);
- Tecelagem - O artesanato utiliza resíduos oriundos da agricultura familiar, tais como: algodão, fibra da bananeira, palmeira e taboa, palha do milho e arroz, a partir da sua tintura natural. Para decorar as peças são usadas sementes de espécies nativas do cerrado.







Na tecelagem em Nioaque, se utiliza equipamentos como tear, máquina de costura, tesouras, agulhas e alicates. As tecelãs realizaram vários cursos relacionados com a produção na tecelagem, sendo dois relacionados a designer e três para tecelagem, além de cursos relacionados a outros produtos artesanais do CPPEC.

Na figura 24, visualiza-se a oficina e os teares utilizados para a confecção das peças artesanais de lã, algodão, barbante e/ou fibra de bananeira sendo produzidas e estocadas para a comercialização em feiras ou produzidas por encomenda e armazenadas em sacolas de polietileno ou comercializadas em embalagens com a logomarca do grupo.

Figura 24 - Teares utilizados para a confecção das peças artesanais.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 05/02/2013.

As cinco tecelãs que atualmente trabalham com os artigos de lã no assentamento residem no município de Nioaque desde o ano de 1993, todas gostariam que seus filhos dessem continuidade ao trabalho realizado com artesanato, mas relatam que os jovens por vários fatores acabam saindo do meio rural. Nas palavras da tecelã natural de Tacuru (Sul de MS), com 41 anos de idade

Rosana Claudina da Costa Sampaio “[..]Vários fatores, venda de lote, questão de estudo, as usinas, muitos não retornam, as que estão (pessoas), estão resistindo (resistem em deixar o campo)[...]”. Ainda na mesma fala Rosana sugere que “[...] tinha que atrair a mão de obra, pro pessoal ficar (no campo), tem que administra o psicológico de altos e baixos (sazonalidade dos preços e da produção)”.

A respeito da logística, Rosana Claudina da Costa Sampaio afirma “A Produção é puxada, recebe um pedido x e se compromete a entrega em tal dia, pra eventos produz e é só por na mala e leva”. Os produtos já foram vendidos em Campo Grande, Rio de Janeiro, Brasília e Goiás, relata que vários turistas que visitaram o grupo levaram os produtos para presentear amigos e familiares em seus países.

5.2 POSSIBILIDADES DE COMERCIALIZAÇÃO

Em todos os casos parte da produção era de peças por encomenda e parte era produzida e estocada para vendas posteriores, sendo a venda de baixeiros em atacado para intermediadores uma prática comum nos quatro projetos de Ivinhema, Caarapó, Cabeceira do Apa e Campo Grande, devido à sazonalidade baixa e ao grande volume da demanda por esse produto. A exceção com relação a produção de baixeiros se encontra no Centro de Produção Pesquisa e Capacitação – CEPPEC do Assentamento Andalucia onde não se produz baixeiros e a produção é denominada “puxada”, sendo realizada por encomenda, porém para apresentação e comercialização dos produtos em feiras e eventos são estocados produtos.

Todos os entrevistados apresentam a percepção de que o turismo é benéfico para a sua atividade e para a região onde residem, demonstrando sua receptividade à vinda de novos turistas, alegando que trazem desenvolvimento econômico e acabam divulgando a cidade e o trabalho que realizam. Existe ainda a possibilidade de elevar a demanda pelos produtos artesanais produzidos, podendo trazer contatos que divulguem o produto fora do estado, outros associam o turismo a troca de informação e conhecimento valorizando o contato com os visitantes.

A gleba Vila Cristina se encontra em uma área rural no município de Ivinhema, onde se cultiva principalmente café, mandioca e cana de açúcar. A lã era

obtida em parceria com a fazenda Cabanha Cordeiro do Rei em troca da tosquia das ovelhas. Essa fazenda produz cordeiros, comercializando com frigoríficos do estado de São Paulo e também do Mato Grosso do Sul, estando localizada próxima a Vila Cristina e possui um sistema de rotação de pasto sendo sua criação extensiva, por lotes e consorciada com bovinos de corte (bois).

O treinamento de tosquia foi oferecido pelo CIAT em conjunto com a prefeitura municipal, com cursos de designer e bordado para as participantes. Os edredons eram bordados e tinham o preço bem variado dependendo do material que eram confeccionados (tamanho e qualidade do bordado), tendo o preço variando de 380 a 600 reais. Já os baixeiros eram produzidos a cada dois dias um por pessoa e seu preço era cotado em 35 reais no varejo e 25 reais no atacado.

Os baixeiros são confeccionados com lã natural, sem nenhuma forma de tingimento, já os edredons quando produzidos eram confeccionados com forro de lã, tecido e bordados. A Casa do Artesão, em Ivinhema, recebia 25% da receita das vendas dos edredons e 15% da venda dos baixeiros com a finalidade de cobrir os custos com a venda dos produtos, os edredons também eram vendidos em feiras e convenções. A venda era muito sazonal, sendo melhor a venda dos edredons em feiras e exposições.

Na Cabeceira do Apa, em Ponta Porã, os baixeiros eram vendidos por 16 reais no atacado e revendidos por 25 reais, os tapetes eram vendidos a 130 reais o metro quadrado. A lã como em Ivinhema era trocada pela tosquia ou comprada por um real o quilo e era tingida utilizando materiais como casca de cebola, erva mate e cascas de árvores.

Em Caarapó os produtos são variados, sendo produzidos desde linhas grossa, médias e finas para confecção das peças ou venda para terceiros, baixeiros de lã grossa e média, até peças de vestuário e decorativas como cortinas, mantas, acolchoados, tapetes, cachecol, chalés, ponches, chinil, redes e outras.

A produção total gira em torno de 60 peças de cada produto por mês, sendo produzidos de 4 a 5 baixeiros por pessoa ao dia, 1 ou 2 tapetes por pessoa dia, 3 ponches por pessoa/dia ou 2 cortinas por dia. Parte da produção é vendida em uma loja localizada no centro da cidade, outra é dada como pagamento pela lã, outra vendida como novelos de lã e uma quarta parte vendida como atacado para revendedores.

Os baixeiros são produzidos por encomenda e o restante dos produtos vendido via mercado após serem produzidos e estocados. A lã é adquirida via troca, sendo que 30% da lã são devolvidas ao fornecedor em produtos acabados, sendo 70% utilizado na confecção de peças próprias. O preço das peças varia de 80 a 100 reais, algumas peças são vendidas por atacado e comercializadas na região e outras no estado de São Paulo (segundo relato de pessoas ligadas ao SEBRAE já ocorreu exportação para a Itália).

Em Campo Grande, a lã é adquirida via compra pelo preço de dois reais o Kg, o Lanifício Pantanal possui uma parceria com um tosquiador e comprador de lã, que efetua parte da compra e do transporte da lã, mas a empresa também realiza compras diretamente com produtores que tosquam seus animais. Os produtos são comercializados nos estados de: Mato Grosso, Paraná, Pará, Roraima, Acre, São Paulo e Santa Catarina por meio de transportadora, e em Mato Grosso do Sul por meio de intermediários que compram a produção em atacado para revenda em casas agrícolas.

Os baixeiros são vendidos a vinte e dois reais, as mantas de vinte e cinco a vinte e três e a lã a nove reais. A empresa está atendendo apenas o mercado de atacado com a finalidade de manter seus principais clientes, evitando vendas no varejo com a finalidade de firmar sua imagem de fornecedora, a margem de ganho dos clientes varia entre vinte e trinta por cento.

Diferente dos outros grupos, no grupo de Nioaque não se produzem baixeiros. Além da tecelagem, outras atividades realizadas pelos membros do grupo geram renda, atividades como a produção agrícola dos lotes e a comercialização de produtos originados de atividades extrativistas confeccionados por encomendas como castanhas, farinhas e bombons com sabores do cerrado como pequi, baru, araçá e jenipapo (fig. 25).

Figura 25 - Rótulos e embalagens de alguns produtos confeccionados no Assentamento Andalucia.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 05/02/2013.

Adquire-se a matéria prima de forma coletiva, sendo destinados 30% da arrecadação das vendas dos produtos da tecelagem para a CEPPEC com a finalidade de cobrir os custos com o material 30%, os produtos possuem preços variados dependendo do tamanho, técnica e designer adotados para a confecção, sendo o jogo americano comercializado a 50 reais o jogo com cinco peças, um tapete de 1,00m x 0,5m tem preços variando entre 50 e 70 reais e a manta com medidas de 1,30m x 1,20m sai entre 180 e 200 reais.

5.3 DEMANDA

Os preços variavam devido a fatores mercadológicos e a existência de atravessadores, mas a sazonalidade da demanda de vestuários e peças decorativas é nítida em todos os casos, sendo a comercialização do baixeiro em atacado para revenda, o mercado com demanda mais estável em todos os casos onde essa peça é produzida.

Sendo visível a orientação que esses grupos estão tomando para a produção de peças artesanais voltadas para a lida, em quatro dos cinco casos estudados, o carro chefe é a produção de baixeiros e mantas em atacado, produtos voltados para a comercialização com intermediadores que revendem as peças em casas especializadas. Em Nioaque, por não produzirem baixeiros, as tecelãs voltam sua mão de obra para confecção de castanhas, farinhas, geleias e doces produzidos com frutos típicos do cerrado colhidos com técnicas extrativistas, na tecelagem confeccionam tapetes, jogo americano (com barbante), cachecol, passadeira, xales e echarpes (fig. 26).

Figura 26 - Produtos manufaturados na confecção em Nioaque.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 05/02/2013.

A demanda por baixeiros na Cabeceira do Apa em Ponta Porã encontrava-se elevada, tendo um comprador no atacado que demandava 200 peças mensais entregue em Corumbá, porém a prefeitura não liberou nota fiscal e eles enviaram apenas uma carga em um carro particular. Faltava a cardadora, o que elevava o custo de produção. No atacado vendiam a 16 reais a peça entregue (cobrindo as despesas e tendo lucro), e no varejo vendiam a 26 reais a peça de baixeiro.

Creuza de Ponta Porã relatou que chegou a ganhar 1000 reais em um mês quando produziu muitos baixeiros, entretanto a renda era muito sazonal sendo a maior parte proveniente da venda de baixeiros. O treinamento foi realizado de maneira igual para todos no início, mas segundo as afinidades e habilidade pessoais o grupo se dividiu entre os produtores de fio e os tecelões, por se destacar em ambas as áreas ela foi escolhida para treinar o pessoal e avaliar a qualidade da produção. Venderam o produto para intermediadores da Bahia e do Distrito Federal.

Em Caarapó os artesãos possuem um mix (ver fig. 27) maior de produtos, porém a demanda por esses produtos é considerada baixa, destacando que a população local consome poucos produtos artesanais, sendo mais valorizado por visitantes. O produto mais consumido pela população local são os baixeiros e mantas que em geral são utilizados na lida com o gado.

Figura 27 - Mix de produtos e uma etiqueta presente nos produtos – Caarapó, MS.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 21/07/2011.

Em Ivinhema, a demanda por edredons foi caracterizada como insuficiente pelos entrevistados, segundo informações de alguns participantes, o preço era considerado alto, mas era o resultado da dificuldade e tempo de confecção elevados dessas peças. Este fato fez com que a demanda fosse reduzida e resultou na escolha das integrantes restantes no programa por parar a produção de edredons e focarem unicamente na produção de baixeiros com uma demanda mais elevada e sazonalidade menor (fig. 28).

Figura 28 - Edredons e baixeiros – Ivinhema.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 21/07/2011.

Destaca-se que nos casos das pessoas desistentes, Ivinhema e na Cabeceira do Apa em Ponta Porão, foi possível efetuar contato via telefone celular ou por meio das pessoas contatadas que informaram conhecer o motivo das outras terem saído do empreendimento. Foi relatado que o principal motivo de desistência foi a baixa e sazonal remuneração resultante da variedade da demanda por produtos de cunho turístico voltado para presentes e souvenir, fato este que motivou todos os empreendimentos a voltarem sua produção para artigos tradicionais para a lida no campo ou a diversificarem suas atividades e produtos.

Na empresa Souza Costa & Costa Neto em Campo Grande, um fato chama a atenção quanto à demanda. Inicialmente, a organização produzia redes pantaneiras, além de manta e baixeiros, um produto com alto acabamento e valor agregado, porém devido ao custo de oportunidade, do tempo decorrido para a produção da rede, do trabalho e da baixa procura pelo produto optaram por parar a produção de redes. Recentemente, optaram por atender apenas o mercado de atacado nos produtos baixeiro e manta (ver fig. 29).

Figura 29 - Coxonilho, baixeiros e Mantas Campo Grande – MS.



Foto de: Thiago Gomes de Oliveira, 30/03/2012.

5.4 CADEIA DA LÃ OVINA EM MATO GROSSO DO SUL

Os grupos de tecelãs utilizam-se ou utilizaram-se da lã como principal fonte de matéria prima para confecção de suas peças e participam ativamente da cadeia produtiva da lã, também fazendo parte dessa cadeia a ovinocultura e a tosquia das ovelhas que resulta na produção da lã bruta que possibilita a logística e comercialização dessa matéria prima. Isso possibilita a confecção de diversas peças como linha, cordão, lã lavada e lã cardada, que podem ser utilizadas na confecção de peças elaboradas e usadas em atividades cotidianas, para trabalhos ou como enfeites. Além da lã outras fibras podem ser utilizadas na tecelagem como algodão e fibra de bananeira.

A história da ovinocultura e da produção de lã no mundo apresenta-se entrelaçada com a história da humanidade e das civilizações devido ao fato de ser fonte de proteína e fibra com fácil adaptação a climas hostis e extremos. Em Mato Grosso do Sul existem evidências que apontam a existência da ovinocultura anteriormente a ocupação dos desbravadores de origem mineira. Apesar da cultura local e os registros da colonização da região apontarem a existência e a fabricação de artefatos de lã, a cadeia da lã não se encontra em um estágio desenvolvido e consolidado, fato que possibilita a visão de um grande potencial de crescimento da cadeia com a entrada de novos agentes e o fortalecimento dos agentes existentes.

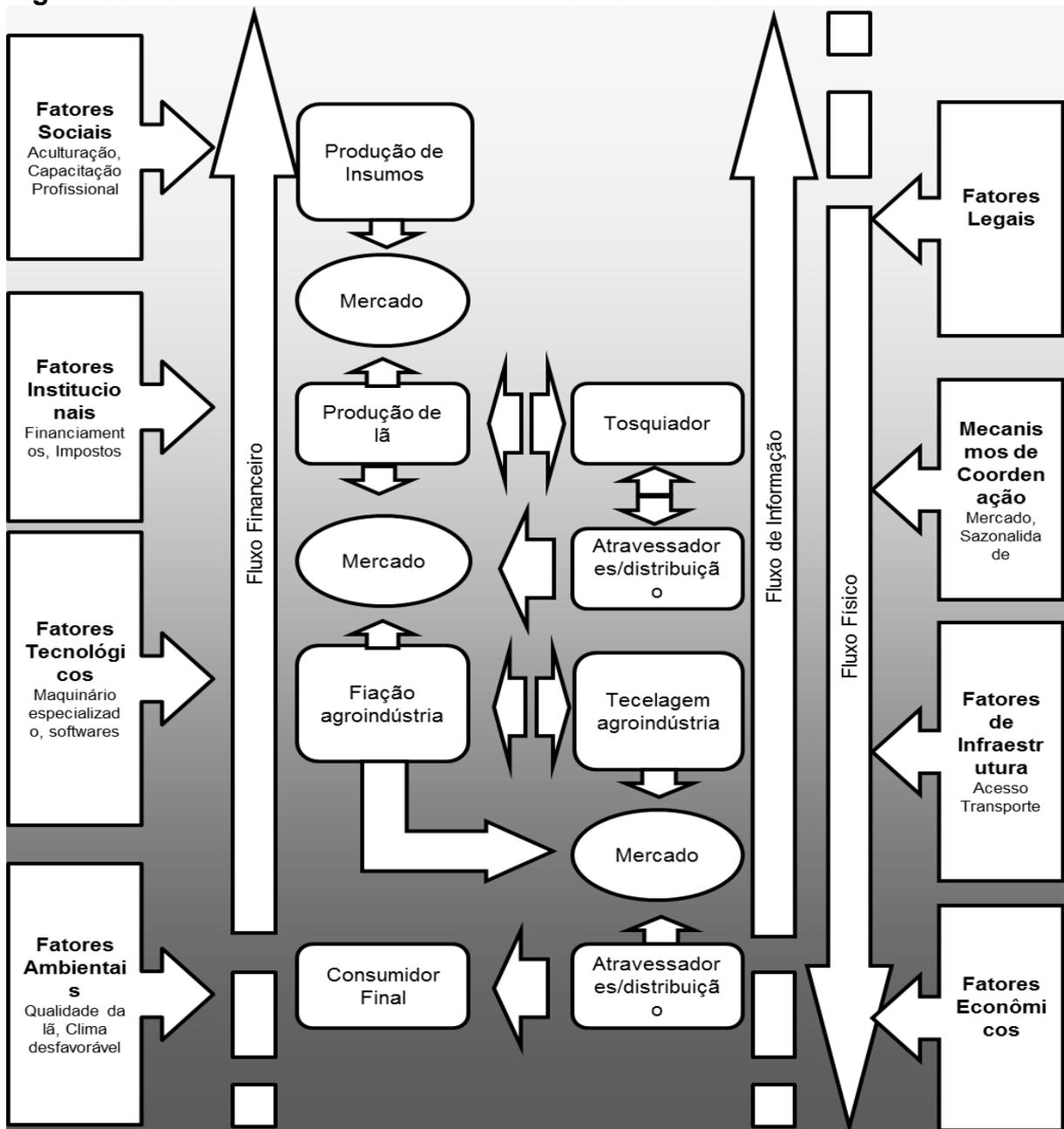
A cadeia apresenta orientação para a produção artesanal com produtos voltados para a lida no campo, com o artesanato voltado para atividades turísticas deixadas em segundo plano ou suspensas por alguns grupos de tecelãs. Grande volume da produção de baixeiros dirige-se ao consumo local e para os atravessadores que adquirem os produtos por atacado e revendem em outras regiões. São produzidos principalmente baixeiros e linhas.

A cadeia não se encontra totalmente estruturada e apresenta a ausência de mecanismos organizadores e coordenadores, uma vez que os artesãos reclamam da falta de incentivos por parte das prefeituras locais, da sazonalidade na venda de artesanato e a falta de uma política que incentive e promova o turismo e o artesanato local.

A figura 30 representa a cadeia produtiva da lã ovina em Mato Grosso do Sul formulada com base nos dados coletados durante a pesquisa, sendo presente a

figura dos produtores, tosquiadores, transportadores, produtores de linha e lã cardada, os artesãos e o consumidor final, sendo a cadeia influenciada por diversos fatores como a cultura local de adquirir poucos produtos de lã para o vestuário e adquirir produtos de lã para a lida no campo, o fato de existir dificuldades para essas oficinas adquirirem crédito para a aquisição de máquinas modernas com tecnologia avançada para a produção.

Figura 30 - Cadeia Produtiva da lã em Mato Grosso do Sul.



Fonte: Elaboração do autor, com base em BATALHA, M.O., **Gestão agroindustrial**; 3 ed. São Paulo, Atlas, 2007.

A lã produzida na ovinocultura pode ter diferentes destinos, sendo abordado no trabalho o destino da lã utilizada na tecelagem para a confecção de artefatos artesanais. A cadeia produtiva da lã pode se apresentar configurada de formas diferentes da existente no estado devido a diferenças existentes entre os agentes e as influências externas como clima, cultura, poder aquisitivo da população, a presença de agentes coordenadores e influencia de política reguladoras.

A cadeia da lã diferencia-se da cadeia da carne ovina por não apresentar o frigorífico pelo fato da lã ser obtida dos animais vivo com a tosa destes, sem a necessidade do abate. O produto denominado “pelego” encontra-se inserido no contexto dos frigoríficos e/ou outras estruturas de abate, uma vez que essa peça é formada pela pele e a lã dos ovinos sendo necessário o abate dos animais para a obtenção do pelego após o tratamento dessa pele para conservação da peça.

Os profissionais envolvidos com a tecelagem apresentam-se tecnicamente qualificados para produção, os principais gargalos para a consolidação da cadeia se apresentam na falta de maquinários mais apropriados para o manuseio da lã resultando na redução dos custos com a preparação da lã, na logística da lã e dos produtos acabados para os centros consumidores ou a logística para visitação dos consumidores aos centros produtores.

O fato da imagem da lã associar-se a vestimentas típicas de inverno, devido ao isolamento térmico que esse material proporciona, torna a procura por vestimentas confeccionadas com esse material quase que exclusiva de épocas e locais onde a temperatura apresenta-se baixa. O clima tropical da região não favorece a demanda da lã nas vestes utilizadas no dia a dia da população local devido a associação do material lã com o clima frio, esse fato faz com que a demanda local por vestes de lã seja mínima ou até inexistente.

Para modificar essa imagem da lã associada ao frio torna-se necessário a confecção de peças de vestimenta que permitam a circulação de ar, “refrigerando” ao usuário da roupa. Além da adaptação na costura necessita-se de campanhas de marketing para atrair os consumidores potenciais para esse tipo de produto.

O clima tropical e a pluviometria do estado dificulta a produção e reduz a qualidade da lã devido a fatores técnicos na criação dos ovinos. A criação de raças de ovelhas deslanadas possibilita aos produtores reduzir perdas e gastos com parasitas e medicamentos e tornam-se desnecessários gastos com a tosa do

rebanho. Outro fator que prejudica a cadeia refere-se à logística da lã para o local onde se prepara para a confecção e do produto acabado para o consumidor ou do consumidor para o produto, as estradas não pavimentadas não apresentam placas indicativas e não encontram-se em bom estado de conservação.

O fato da produção de lã ser considerada uma atividade secundária a produção de carne ovina no estado, força os produtores de ovinos a ter uma percepção negativa da lã, vendo esta como mais um gasto com o rebanho, uma vez que existe a necessidade de tosar os animais nas estações mais quentes do ano para acelerar o ganho de peso destes, reduzindo a idade para o abate dos borregos e os custos com medicamentos com as fêmeas e filhotes devido a redução de parasitas.

Associada as questões dos custos de produção da lã, existe a baixa remuneração do produto devido as leis de mercado relacionadas a oferta e demanda do produto, fato que desmotiva os produtores a investirem em matrizes e técnicas que visem a melhoria da qualidade e da produção da lã. Para estimular o aumento e a melhoria na qualidade da lã seria necessário em um primeiro momento aquecer o mercado gerando uma demanda e a valorização do produto lã, estimulando em um segundo momento os produtores a investir em técnicas mais específicas para a produção da fibra.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo objetivou analisar a potencialidade da lã como produto complementar ao artesanato e o turismo através de estudos de casos múltiplos. Os estudos apontaram semelhanças e diferenças entre os grupos estudados assim como a existência de uma pequena rede de informações entre os membros desses grupos que apresentam ou apresentaram interações através de trocas de informações, produtos e financeiras.

Mesmo apresentando diferenças entre os produtos e também no mercado, os grupos estudados demonstraram conhecerem-se e interagirem entre si. Um ponto comum entre todos os grupos encontra-se na sazonalidade da demanda, nota-se que em feiras os produtos são bem aceitos e demandados, porém os grupos não conseguem comercializar seus produtos nas comunidades onde se encontram inseridos, sendo o único produto com demanda estável e local, o baixeiro, utilizado no dia a dia de produtores rurais que praticam montaria em seus trabalhos.

Todos os grupos demonstraram o desejo por políticas que visem incentivar o turismo no estado, em especial na região que se encontram instalados. Esse desejo deve-se além da troca de experiências e informações entre visitante e visitado ao desejo de elevarem a demanda dos seus produtos e reduzirem a sazonalidade além de propagarem seus produtos com o retorno dos turistas para seus locais de origem. Outro ponto comum apresenta-se na necessidade e desejo dos grupos em adquirir máquinas mais adequadas a suas linhas de produção.

O grupo de Campo Grande apresenta uma configuração diferenciada por não ser formado por uma comunidade que utiliza as máquinas de maneira comunitária. O Lanifício Pantanal possui maquinário mais “pesado” e específico para a carda da lã e as pessoas envolvidas no processo de produção são funcionários ou proprietários da organização.

Um dos empresários entrevistados expressa o desejo de aprimorar-se na administração da empresa e adquirir máquinas mais modernas e produtivas para o processo da confecção de linhas, mantas e baixeiros. Outro ponto que diferencia o Lanifício dos outros grupos expressa-se no fato de terem voltado sua produção apenas para baixeiros e mantas por serem os produtos com demanda mais elevada e menos sazonal.

O grupo localizado no Assentamento Andalucia difere-se por apresentar produtos típicos do cerrado e atrativos naturais e sociais para o turismo além dos produtos da tecelagem, porém a dificuldade de acesso ao local dificulta o contato dos turistas com o grupo.

A cadeia da lã em Mato Grosso do Sul ainda não apresenta agentes coordenadores, e possui poucos agentes atuando entre seus elos, fatos esses que tornam a cadeia frágil e suscetível a incertezas externas que ameaçam a existência e o desenvolvimento da mesma.

A grande limitação desta pesquisa deu-se ao fato dos projetos com maior número de pessoas envolvidas terem sido suspensos ou a maioria dos participantes terem abandonado o projeto e por isso tornou-se necessário gerar outro questionário a fim de estudar os motivos que levaram essas pessoas a mudarem de atividade, gerando a necessidade do pesquisador entrar em contato com alguns desses indivíduos a fim de descobrir os motivos que levaram ao êxodo dos projetos. Devido às dificuldades relacionadas ao acesso a essas pessoas como a falta de sinal telefônico e o difícil acesso ao local de residência só foi possível contato com um número restrito dessa população, ocorrendo ainda a rejeição à entrevista por parte de alguns.

Somando-se a esse fato existe a dificuldade de se localizar e entrar em contato com os tecelões que mudaram de atividade. Por outro lado, o acesso a essas regiões foi outra dificuldade desta pesquisa, impossibilitando a visita a esses participantes sem a presença de um guia com conhecimento da região e do local de moradia de cada pessoa que participou das atividades relacionadas a produção dos artesanatos ovinos.

Existiu a dificuldade de aceitação por parte dos indivíduos entrevistáveis de receberem o pesquisador para aplicação de um questionário ou entrevista, ocorrendo a recusa dessas pessoas, justificando a impossibilidade de responder a pesquisa.

Outro fato relacionado à logística que dificultou a pesquisa se encontra na falta de sinalização indicando a localização das oficinas, placas indicando a entrada das estradas e também no percurso até as oficinas. Uma alternativa seria a confecção de mapa explicando o percurso certo, pode-se anexar o mapa a panfletos promocionais dos grupos e de seus trabalhos.

Apesar de dificultar a aplicação dos formulários, a distância, limitação de acesso e a “timidez” de parte da população não impossibilitou a realização da pesquisa, abrindo-se oportunidades para futuras pesquisas com focos diferenciados relacionados ao artesanato ou a lã em Mato Grosso do Sul.

Segundo Viana e Silveira (2009), no Rio Grande do Sul as indústrias processadoras de lã são na maioria multinacionais que adquirem a lã bruta para processamento através da lavagem e fiação, finalizando o produto na indústria têxtil. Em Mato Grosso do Sul, o Lanifício Pantanal apresenta condições de processamento de volumes maiores de lã que nos outros grupos produtores, atuando de maneira semelhante as multinacionais do RS que adquirem a lã bruta de vários produtores e não comercializam o produto no varejo atendendo o mercado atacadista.

Conforme a autora Guzmán (2008), as Organizações Econômicas Camponesas (Oecas) das terras altas da Bolívia produtoras de artesanato com lã de camelídeos baseiam-se na cultura local que valoriza o convívio social e comunitário e a natureza, assemelhando-se aos grupos de tecelões que trabalham ou trabalharam de maneira comunitária no estado de Mato Grosso do Sul, apontando a necessidade de investimentos nas oficinas para que estas se mantenham sustentáveis do ponto de vista econômico e destacando a importância da intervenção dos municípios para as Oecas.

A criação de políticas públicas locais e regionais voltadas para o fomento ao turismo e o artesanato poderiam alavancar o crescimento e fortalecimento dessa frágil cadeia produtiva, elevando a demanda por esses produtos e reduzindo a sazonalidade, possibilitando aos grupos produtores elevarem e/ou diversificarem suas produções reduzindo custos e despesas e aumentando a receita gerada pela atividade.

Assim, a criação ou fortalecimento do mercado consumidor local é uma alternativa para os grupos superarem a sazonalidade da demanda e as dificuldades com a logística de seus produtos. A cadeia atualmente deve ser estimulada a jusante para depois gerarem estímulos aos produtores a montante da cadeia.

REFERÊNCIAS

ALCALDE, E. A.; BOURLEGAT, C. A.; CASTILHO, M. A. O papel dos agentes na comunidade de artesãos em Três Lagoas – MS, como instrumentos impulsionadores do desenvolvimento local. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local Interações**, v. 8, n. 2, p. 223-234, set. 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**: edição revista e atualizada. 4ª ed. Edições 70. Lisboa, Portugal, 1977.

BATALHA, M. O. Sistemas agroindustriais: definições e correntes metodológicas. In: BATALHA, Mário. O. (Coord.). **Gestão agroindustrial**; 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

BENI, M. **Análise estrutural do turismo**. 8. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

BRANDÃO, C. **Território e desenvolvimento**: as múltiplas escalas entre o local e o global. Campinas: UNICAMP, 2007.

BRICALLI, L.C.L., **Construcción de tipologías para el turismo en áreas rurales**. Revista: Estudios y perspectivas en turismo, v. 14, p. 263-277, 2005.

CHAEBO, G. **Territórios CONSAD no MS**: Análise do ambiente organizacional. 100 f. 2011. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2011.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. **Pesquisa em administração**: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação. 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COSTA, A. C. **Artesanato e turismo em Itabuna (Bahia)**: dois estudos de caso à luz da Economia Criativa. 2008. Dissertação (Mestrado em Cultura e Turismo), Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2008.

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa**: método qualitativo, quantitativo e misto. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DALLEY, S. **Hebrew tahas, akkadian duhsu, faience and beadwork**. Journal of Semitic Studies XLV71 Spring, 2000.

DIETRICH, L. C. **Associação Três-Lagoense de Artesanato**: a comunidade e suas potencialidades para o turismo e desenvolvimento local. 2006. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local), Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2006.

DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Cadernos de Pesquisa, Rio de Janeiro, março 2002. n.115, p.139-154

FILGUEIRAS, A. P. A. **Aspectos socioeconômicos do artesanato em comunidades rurais no Ceará** – O bordado de Itapajé – CE. 2005. 130 f. Dissertação (Mestrado em Economia Rural), Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

FONTES, S. R. M. **Turismo e artesanato**: o caso de Bichinho em Prados/MG. 2006. Dissertação (Mestrado em Turismo e Meio Ambiente), Centro Universitário UNA, Belo Horizonte, 2006.

GOMES, Josir Simeone. **O Método de Estudo de Caso Aplicado à Gestão de Negócios**. São Paulo, Atlas, 2006.

GOUVEIA, A. M. G; et al. **Instalações para a criação de ovinos tipo corte nas regiões Centro Oeste e Sudeste do Brasil**. Brasília (DF): Ed.LK editora e comunicações, 2007.

GUZMÁN, I.P.R. **Sustentabilidade em organizações econômicas camponesas (Oecas) das terras altas da Bolívia**: um estudo de casos. Salvador: Escola de Administração, Núcleo de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal da Bahia, 2009, 231 p. Dissertação de Mestrado.

HARD, S. L. e MILSTEIN, M. B. **Criando Valor Sustentável**. Revista Business Journal. v. 3, n.2, maio 2004.

HORODYSKI, G. S. **O Artesanato dos Campos Gerais do Paraná**. 2006. Dissertação (Mestrado em Turismo e Hotelaria), Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camburiú, 2006.

KRONENBERGER, D. M. P. et al. **Desenvolvimento sustentável no Brasil**: uma análise a partir da aplicação do barômetro da sustentabilidade. Sociedade & Natureza, Uberlândia, v. 20, n. 1, p. 25-50, jun. 2008.

LEONI, J. M. **Ecologia e extrativismo de plantas utilizadas como fixadoras de corantes no artesanato Baniwa, Alto Rio Negro, Amazonas**. 2005. Dissertação (Mestrado em Ciências Biológicas), Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2005.

MARIANI, M. P.; SORIO, A.; PALHARES, C.(Orgs.). **Carne ovina, turismo e gastronomia**. Passo Fundo, RS: Méritos, 2010.

MARSDEN, T. **Mobilizing the regional eco-economy: evolving webs of agri-food and rural development in the UK**. Cambridge Journal of Regions, Economy and Society, 225-244, 14 maio 2010.

MARTINS, G. A. **Estudo de caso: uma estratégia de pesquisa**. 2 ed. São Paulo: Atlas, 2008 a.

MARTINS, G. A. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **RCO – Revista de Contabilidade e Organizações – FEARP/USP**, v.2, n.2, p. 8-18, jan./abr. 2008 b.

MICHELS, I.; RODRIGUES, J.D.; LUCENA, L. P.; et al. **Proposta de elaboração de estudo da cadeia produtiva da ovinocultura em mato grosso do sul**. Relatório final, Campo Grande, MS, mar 2006. Disponível em <<http://fcr.org.br/webfcr/cadeiassebrae/relatoriofinal-cadeia-ovinocultura.pdf>> Acesso em 6 jun 2011a.

MICHELS, I.; RODRIGUES, J.D; et al. **Proposta de elaboração de estudo da cadeia produtiva do turismo em mato grosso do sul**. Relatório final, Campo Grande, MS, nov 2006. Disponível em <<http://fcr.org.br/webfcr/cadeiassebrae/relatoriofinal-cadeia-turismo.pdf>> acesso em 6 jun 2011b.

MOESCH, N.M.; MONTEIRO, M.F.M.C.; ANTUNES, V.O. (Orgs.). **Turismo no meio rural: teorias, conceitos e a arte de saber fazer**. Santa Maria, RS: UNIFRA, 2008.

RAMALHO, J. P. **Modelando a vida e entalhando a arte: o artesanato do Vale do Jequitinhonha**. 2010. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural), Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2010.

ROCHA, D; DEUSDARÁ, B., **Análise de Conteúdo e Análise do Discurso: aproximações e afastamentos na (re)construção de uma trajetória**, ALEA, vol. 7, n2, dez. 2005.

SANTOS, E. T. **Exportações de artesanato do Ceará no período de 2004 a 2006: desafios e oportunidades.** 2007. Dissertação (Mestrado em Administração), Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

SANTOS, R. L. **Desenvolvimento local sustentável: caracterização do APL de artesanato de linha do município de Tobias Barreto – SE.** 2007. 135 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente), Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2007.

SANTOS, R. S.; COELHO-FERREIRA, M. **Artefatos de miriti (*Mauritia flexuosa* L. f.) em Abaetetuba, Pará: da produção à comercialização.** Bol. Mus. Pará. Emílio Goeldi. Cienc. Hum. Belém, v. 6, n. 3, p. 559-571, set./dez. 2011.

SOBRINHO, A. G. S.; JACINTO, M. A. C. **Aproveitamento de peles ovinas.** Jaboticabal: Ed. Funep, 2007.

SORIO, A. **Sistema agroindustrial da carne ovina em Mato Grosso do Sul.** Uma abordagem da nova economia institucional. Campo Grande: Departamento de Economia e Administração, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2009, 120 p. Dissertação de Mestrado.

VERGARA, S.C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 9ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

VERGARA, S.C. **Métodos de pesquisa em administração.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VIANA, J.G.A. e SILVEIRA, V.C.P. Cadeia produtiva da ovinocultura no rio grande do sul: um estudo descritivo. **Revista em Agronegócios e Meio Ambiente**, v.2, n.1, p. 9-20, jan./abr. 2009.

VILLE, S. **“Making Connections”**: insights into relationship marketing from the Australasian stock and station agent industry, Oxford University Press on behalf of the Business History Conference, jan, 2009.

WATSON, A. S. **Wool in 1980.** The Australian journal of agricultural economics. v.24, n.2, University of Melbourne, Parkville, ago 1980.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 2ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (Orgs). **Economia e Gestão dos Negócios Agroalimentares**. Ed. Pioneiros, São Paulo, 2000.

Organização não governamental Ecoa - Ecologia e Ação. **Assentamento Andalucia inicia nova fase de desenvolvimento sustentável**. 02 maio 2002. Disponível em <<http://www.riosvivos.org.br/Noticia/Assentamento+Andalucia+inicia+nova+fase+de+desenvolvimento+sustentavel/196>> Acesso 14 jan 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Efetivo dos rebanhos por tipo de rebanho**. Disponível em <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&o=20&i=P&c=73>>. Acesso 10 jun 2011.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Produção de lã por estado**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/ppm/2009/tabelas_pdf/tab27.pdf>. Acesso 12 jun 2011b.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Economia do Turismo - análise das atividades características do turismo**. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=804>. Acesso 12 jan 2012 c.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **IBGE Estados**, Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/estadosat/perfil.php?sigla=ms>> Acesso 05 fev 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **IBGE Cidades@**, Mato Grosso do Sul. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso 19 fev 2013.

Organização Mundial de Turismo - OMT. **World Tourism Organization**. Organização mundial do turismo (OMT). Introdução ao turismo. São Paulo: roca, 2001. Disponível em: <<http://www.world-tourism.org/facts/eng/economy.htm>> Acesso em: 12 jan 2012a.

Organização Mundial de Turismo – OMT. **El turismo internacional alcanzará la cifra de los mil millones en 2012**. Madrid. 16 jan. 2012. Disponível em: <<http://media.unwto.org/es/press-release/2012-01-16/el-turismo-internacional-alcanzara-la-cifra-de-los-mil-millones-en-2012>> Acesso em: 23 fev 2012b.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO PARA PESSOAS QUE PARTICIPAM DAS OFICINAS PRODUTORAS DE ARTESANATO

Nome do entrevistador: Local e Data:

INVESTIGAÇÃO ESTRUTURAL DAS INICIATIVAS COM ARTESANATO DE LÃ E PELE OVINA EM MS

Nome do empreendedor:

Nome do empreendimento:

1. Idade do entrevistado:
[_____] Anos.

2. Qual o grau de escolaridade:
[_____]

3. Mora na:

- a) Zona urbana/ casa apartamento
b) Zona rural

4. Local de Nascimento do Entrevistado?
Cidade: _____ UF: _____

5. Local atual de residência?
Cidade: _____ UF: _____

6. Há quantos anos reside ou residiu no município do empreendimento?
[_____]

7. Deseja que os filhos continuem seu trabalho?
 Sim Não

8. Possui ou já possuiu outros empreendimentos? Qual(is)?
 Sim Não

9. Descreva em uma palavra o principal fator de sucesso de um empreendimento ligado ao artesanato:

10. O empreendimento existe desde (especificar ano):

11. Das pessoas que trabalham no empreendimento, quantos são:
a) [_____] Funcionários fixos;
b) [_____] Funcionários temporários;
c) [_____] Funcionários terceirizados;
d) [_____] Familiares;

12. O empreendimento responde por qual porcentagem da renda da sua família:
() Menos de 30% da renda total;
() até 50% () até 80%
() Mais de 90%
13. Recebe algum tipo de auxílio governamental (Ex.: bolsa família, bolsa escola, bolsa alimentação, auxílio gás, aposentadoria, financiamento estudantil, projovem...)?
a) Sim. Qual?
b) Não
14. Considera o turismo uma atividade importante na sua cidade (seja em termos econômicos, sociais...)?
a) () Sim b) () Não c) () Não sabe
15. Você gostaria de ter mais pessoas de fora visitando a sua cidade?
a) () Sim b) () Não
Por quê:
16. Acha que o turismo pode lhe trazer algum tipo de benefício?
a) () Sim, Qual:
b) () Não
17. Quais trabalhos desenvolvidos com os produtos oriundos dos ovinos (Ex.: artesanato com lã, com pele)?
18. Qual o tempo médio para produção de cada peça?
19. Qual o volume médio de vendas em reais?
20. Volume de produção dos trabalhos que desenvolvem com os ovinos (por dia/semana/mês):
21. De onde se obtêm as matérias-primas (dos produtos decorrentes da ovinocultura)?
a) () Do próprio empreendimento
b) () Da própria localidade/município
c) () De outros municípios.
Especificar município/Estado: _____
22. Como é realizada a compra da matéria prima (direto do produtor, em mercados de atacado, no varejo, associação de produtores familiares)?
23. Qual a relação existente para a obtenção de matérias-primas? (Ex.: Compra no mercado; contratos; parcerias com produtores...) Pedir para explicitar que forma de contrato/parceria, se isso for citado, porque talvez o entrevistado não saiba direito o que é. Por exemplo, ele pode dizer que é parceria, mas na prática é compra no mercado, só que sempre do mesmo produtor.

24. A produção é realizada só por encomenda ou acumula estoque de produtos acabados?
25. Onde vende os produtos feitos com a pele e a lã de ovinos?
26. Como o produto acabado vai para o consumidor/distribuidor? (entrega pessoalmente, via correio, via transportadora, via ônibus...)
27. São pagos impostos? Como são recolhidos? Qual o valor aproximado?
28. O empreendimento apresenta relação com a prefeitura/poder público local?
Ex: paga impostos municipais, recebe apoio da prefeitura para vender, produzir, expõe em eventos da prefeitura, etc.
Especificar:
29. O empreendimento é?
a) Empreendedor individual
b) Associação
c) Cooperativa
d) Grupo de produção
e) Outra natureza:
30. O empreendimento existe desde que ano?
31. Qual a sua remuneração mensal vendendo os produtos feitos no empreendimento com base na lã e pele de ovinos?
[_____] reais, em média.
 Não tem ideia
32. Qual o custo com matérias-primas (Ex.: Lã, pele)?
[_____] reais, em média.
 Não tem ideia
33. As matérias primas são compradas/obtidas coletivamente?
a) Sim b) Não c) Não sabe
34. Por quanto é vendido o produto acabado para a distribuição? E para o consumidor?
35. Sabe por quanto o distribuidor revende o teu produto?
36. Os equipamentos de produção são coletivos?
 Sim Não Não sabe
37. Quais os principais equipamentos utilizados para a confecção do artesanato com base em lã e pele de ovinos?

38. O local onde se produz é:
- a) Individual (do próprio artesão)
 - b) De um dos membros da comunidade
 - c) Coletivo
 - d) Não sabe
39. Acha que a procura pelos produtos é:
- a) Suficiente
 - b) Abaixo do esperado
 - c) Totalmente insuficiente
40. Acha que o fato de serem feitos com base em lã e pele de ovinos é um diferencial do seu produto?
- a) Sim.
 - b) Não
- Por quê:
41. Fez cursos para trabalhar com essa atividade?
- a) Sim
 - b) Não
 - c) Não lembra
42. Quais as principais dificuldades encontradas no empreendimento (máximo três)?
- a) Comercialização
 - b) Produção (problemas técnicos no processo produtivo)
 - c) Profissional (experiência técnica e/ou administrativa)
 - d) Relações interpessoais
 - e) Informalidade do negócio
 - f) Financeiro
 - g) Acesso ao crédito
 - h) Infra estrutura (prédio, instrumentos de trabalho, mobiliário, acesso viário etc).
 - i) Outro. Defina: _____
43. Quais as melhorias que faltam no empreendimento (na visão do artesão?).
44. Caso o governo liberasse uma linha especial de credito, você aplicaria em:
- outra área não relacionada ao empreendimento;
 - divulgação do produto;
 - máquinas para auxiliar na produção;
 - treinamento para o pessoal;
 - reformas ou modificações nas estruturas física;
 - aquisição de matrizes para produção de lã
 - aplicaria na melhoria de apresentação do produto.

45. De que forma é realizado o pagamento do pessoal?
- () Divisão dos lucros
 - () Salário
 - () Remuneração por produção
 - () Remuneração por tarefa

46. Outras informações (se necessário):

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DO RESPONDENTE DO FORMULÁRIO:

Assino e concordo com a publicação dos resultados acima citado, e inclusive reprodução de fotos tiradas no ato desse questionário.

_____, ____/____/201____, Local e Data

Nome completo: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE B - FORMULÁRIO DAS PESSOAS QUE PARTICIPARAM NAS OFICINAS PRODUTORAS DE ARTESANATO MAS OPTARAM POR MUDAR DE ATIVIDADE

Nome do entrevistador:

Local e Data:

INVESTIGAÇÃO ESTRUTURAL DAS INICIATIVAS COM ARTESANATO DE LÃ E PELE OVINA EM MS

Nome completo do entrevistado:

1. Idade do entrevistado:
[_____] Anos.

2. Local atual de trabalho:

3. Qual o grau de escolaridade:

() Fundamental () Completo

() Médio () Completo

() Superior () Completo

Graduação:

Pós-graduação:

Mestrado:

Doutorado:

4. Gostaria de continuar os estudos?

() Sim () Não

5. Qual o motivo de não estar estudando?

() Idade () Tempo () Dinheiro

() Outro: _____

6. Mora na:

a) () Zona urbana/ () casa () apartamento

b) () Zona rural

7. Local de Nascimento?

Cidade: _____ UF: _____

8. Local atual de residência?

Cidade: _____ UF: _____

9. Há quantos anos reside no município do empreendimento?

[_____]

10. Qual seu estado civil?

() Solteiro(a) () Casado(a)

Separado(a) Mora Junto

11. Tem filhos?

Não Um Filho

Dois + de dois

12. Netos?

Sim Não

13. Gostaria que os filhos trabalhassem com artesanato?

Sim Não

14. Em quais atividades já trabalhou?

15. Descreva em uma palavra o principal fator de sucesso de um empreendimento ligado ao artesanato:

16. Por quantos anos trabalhou com artesanato ovino? Especificar as datas.

17. O empreendimento respondia por qual porcentagem da renda da sua família:

Menos de 30% da renda total;

até 50% até 80%

Mais de 90%

18. Recebe algum tipo de auxílio governamental (Ex.: bolsa família, bolsa escola, bolsa alimentação, auxílio gás, aposentadoria, financiamento estudantil, pro-jovem...)?

a) Sim. Qual?

b) Não

19. Considera o turismo uma atividade importante na sua cidade (seja em termos econômicos, sociais...)?

a) Sim b) Não c) Não sabe

20. Quais motivos o levaram a sair do projeto de confecção de artesanatos ovinos?

21. Atualmente atua em qual profissão?

22. Dos locais em que já trabalhou, qual foi o local que mais gostou de trabalhar e por quê?

23. Quais trabalhos você desenvolvia na confecção dos produtos oriundos dos ovinos (ex.: lavar a lã, cardar, tecer)?

24. Qual o tempo médio para produção de cada peça?

25. Qual era seu volume de produção, quando atuava na produção de artesanato (por dia/semana/mês)?

26. Sabe onde e por quanto eram vendidos os produtos feitos com a lã de ovinos?

27. Qual era a sua remuneração mensal vendendo os produtos feitos no empreendimento com base na lã e pele de ovinos?

[_____] reais, em média.

() Não tem ideia

28. Quais foram os ganhos obtidos ao mudar do artesanato para a atual profissão?

29. O que faltou para que você continuasse trabalhando com a confecção de artesanato?

30. Acha que a procura pelos produtos artesanais é:

a) () Suficiente

b) () Abaixo do esperado

c) () Totalmente insuficiente

31. Acha que o fato de serem feitos com base em lã e de ovinos era um diferencial do produto?

a) () Sim.

b) () Não

Por quê:

32. De quais cursos participou quando para produzir artesanatos?

33. Da época em que trabalhava com artesanato do que sente mais falta?

34. Gostaria de voltar para a atividade? Por quê?

35. Quanto produzia, e qual era o ganho com o artesanato?

36. Quais eram os gastos com o artesanato?

37. Outras informações (se necessário):

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Assino e concordo com a publicação dos resultados acima citado, e inclusive reprodução de fotos tiradas no ato desse questionário.

_____, ____/____/2010 Local e Data.

Nome completo: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE C - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

1. Trabalha ou já trabalhou com artesanato de lã ou outro produto originado na ovinocultura?
2. Há quanto tempo trabalha ou trabalhou com esse material?
3. Como foi o treinamento?
4. Quantas pessoas participavam dessa atividade?
5. Qual era seu ganho médio?
6. Que atividade realizava na produção?
7. Gostava desse trabalho?
8. Voltaria a trabalhar com essa atividade?
9. Por quê?
10. O que falta ou faltou para o empreendimento ser bem sucedido?
11. O que o produto tinha de especial?
12. Qual o motivo de você continuar ou sair desta atividade?

ANEXO A - EM CAARAPÓ, ARTESÃS FAZEM ARTE COM A LÃ DE CARNEIRO (Recebido via e-mail da colaboradora do SEBRAE, Ana Karolina Moneiro)

O ano é 1997, um grupo de dez mulheres do Clube de Mães da Comunidade do Jatobá – uma antiga serraria de Caarapó, município de pouco mais de 20 mil habitantes de Mato Grosso do Sul – resolve convidar para suas reuniões uma nova moradora do local. Uma senhora há pouco chegada de Minas Gerais, onde aprenderá a arte de fazer bacheiros (mantas usadas para proteger o cavalo do frio) de lã de carneiro. O grupo de mulheres que já produzia alguns trabalhos manuais com técnicas tradicionais de pintura logo se interessou pela novidade. O conhecimento se difundiu, a técnica foi aperfeiçoada, e pouco tempo depois, além de bacheiros, as mulheres do Jatobá já produziam também acolchoados com a lã de carneiro.

Quase um ano se passará, já era 1998, a produção artesanal das mulheres de Caarapó despertará a atenção do Sebrae/MS, que incluiu o grupo de mulheres no Plano de Desenvolvimento do Artesanato. Com apoio da prefeitura do município o grupo de mulheres participa de cursos de capacitação através do Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT). A produção cresce e a qualidade dos produtos também. Elas participam com seus produtos da principal feira de artesanato do País, a Mãos de Minas, realizada em Belo Horizonte (MG).

Em 2001, a prefeitura articula uma parceria do grupo de mulheres com o Ministério da Indústria e Comércio. Com os recursos do convênio são adquiridas uma roca industrial e vários outros equipamentos. No ano seguinte as artesãs se organizam e criam a Associação Arte e Artesanato Vale Esperança. Logo em seguida, a prefeitura construiu para abrigar a entidade o Centro de Desenvolvimento Artesanal, e a entidade firma convênio com a Embratur, que garante a realização de novos cursos de capacitação e a aquisição de equipamentos ainda mais modernos como um tear de quatro pedais, uma caldeira e uma meadeira.

No ano passado, novamente com apoio do Sebrae/MS, as mulheres da associação participaram de capacitação com o designer Eber Lopes Ferreira, que repassou informações sobre como melhorar a finalização e o design dos produtos e também aprimorar a organização interna da entidade.

Segundo a assistente técnica da associação, Eliane Aparecida Gonçalves, o grande diferencial das peças produzidas pelas mulheres da entidade é que são tingidas com corantes naturais. Todas as peças são produzidas respeitando o meio ambiente. Ela explicou que atualmente os bacheiros, mantas, tapetes, acolchoados, echarps, xales, elaboradas pelas artesãs de Caarapó além de serem comercializados em lojas do próprio Estado, também tem mercado através de uma representante em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Brasília e em outras cidades do País, além dos produtos já terem sido exportados para a Itália.

Atualmente, das dez artesãs do grupo original, sete permanecem trabalhando na associação, que conta no total com 20 mulheres. Cada uma recebe um salário entre R\$ 150 e R\$ 200 por mês, com a venda dos produtos. Além da Lã de Carneiro, já está em formação grupos com cerca de 15 artesãs para trabalhar as técnicas do Nhanduti e do Patchwork.

ANEXO B - OFICINA PARA O NÚCLEO PRODUTIVO DE LÃ - CAARAPÓ

(Recebido via e-mail da colaboradora do SEBRAE, Ana Karolina Monteiro)

Foi realizado uma reunião com a primeira Dama de Caarapó – Dona Maria Helena, onde nos foi apresentado um ofício, solicitando oficina para o Núcleo produtivo de lã. Essa oficina seria para realização de mais uma oficina de criação de produtos. Esse núcleo ultimamente tem tido uma atenção especial por parte do Sebrae/MS, visto o empenho e investimentos feitos pela Prefeitura que não tem medido esforços para o desenvolvimento do núcleo. A necessidade que o grupo apresenta está na colocação dos produtos no mercado do que na criação de novos produtos. A consultora Patrícia Caldas sugere que se faça uma reunião com o designer Éber, pois foi o profissional que organizou e formatou o núcleo, para uma discussão em cima de pontos que estão dificultando o crescimento do núcleo e a elaboração de estratégias para a colocação do produto no mercado.

Foi realizado nos dias 04 e 05/05 diagnóstico e palestra de sensibilização no município de Dourados onde estiveram presentes 34 artesãos locais. Percebeu-se o interesse em iniciar o Programa de Artesanato no município, dessa vez fazendo uma releitura do trabalho manual. A resistência em mudar foi nítida por parte dos artesãos, então foi decidido num segundo momento quando o grupo já estiver habituado ao trabalho em grupo, avançarem mais um passo para a mudança da matéria prima.

Realização da Oficina Técnica de Patch Work no período de 27 a 31/05 no município de Caarapó para 20 artesãos locais.

Realizado no período de julho a dezembro para o Núcleo Produtivo de Caarapó, a Estruturação da Produção Têxtil Artesanal, com o objetivo de agregar valor econômico e cultural aos produtos têxteis artesanais, desenvolver linhas de produtos, orientar a padronização dos produtos, respeitando suas identidades e diferenciando suas linhas de produção e melhorar a qualidade destes produtos, promovendo sua inserção ao mercado. A primeira etapa ocorreu no período de 12 a 16/07/2004, com a realização de 01 Oficina de Planejamento da Produção com 40 horas.

Realizado no dia 19/07/2004 visita técnica ao Núcleo Produtivo de Caarapó, onde os 12 artesãos que fazem parte do Núcleo Produtivo de Jardim “ Mãos a Obra” foram conhecer o processo produtivo do Núcleo de Lã de Carneiro;

- ❖ Realizado no dia 06/08 palestra de sensibilização para o setor de artesanato no município de Ponta Porá, que contou com a presença de 18 artesãos. O grupo está iniciando o movimento para se organizarem, o trabalho ainda é individual, mas através do Empreender acontecem reuniões e treinamentos voltados para o crescimento do grupo. O grupo demonstrou interesse em “fazer diferente”, dar uma referência cultural aos produtos produzidos, pois pela fala do grupo a produção é de trabalhos manuais. Por ocasião do

processo eleitoral não foi possível apresentar para o Prefeito o Projeto de Artesanato, ficou marcado o diagnóstico para depois da eleição.

- ❖ Realizado no período de 23 a 27/08/2004 a segunda etapa da Estruturação da Produção Têxtil Artesanal para o Núcleo Produtivo de Caarapó, com a realização da Oficina de Produção com 40 horas, onde contou com a participação de 28 artesãos.
- ❖ Realizado no período de 02 à 07/08 em Dourados da 1ª Oficina de Requalificação do Trabalho Manual com a instrutora Dina Broide, a oficina teve duração de 40 horas e contou com a participação de 30 artesãos, um dos grandes resultados que devemos considerar foi a formação de pequenos grupos de artesãos para a composição da peça final, essa prática estará possibilitando um exercício para a formação futura de um grupo produtivo. 70% das peças que foram produzidas possui condições de ser colocado dentro do Projeto de Artesanato do SEBRAE/MS, Os 30% restantes foram peças que por parte dos artesãos houve resistência em inserir modificações, como por exemplos compotas de doces.
- ❖ Realizado no período de 08 a 10/09/2004 visita técnica de 24 horas, com o designer Éber Ferreira Lopes, onde o objetivo dessa visita foi de iniciar a Prospecção de mercado, etapa que faz parte da Estruturação da Produção Têxtil Artesanal para o Núcleo Produtivo de Caarapó, onde contou com a participação de 28 artesãos.
- ❖ Realizado no período de 06, 07 e 08/10/2004 visita técnica de 24 horas, com o designer Éber Ferreira Lopes, com o objetivo de dar continuidade a Prospecção de mercado, etapa que faz parte da Estruturação da Produção Têxtil Artesanal para o Núcleo Produtivo de Caarapó, onde contou com a participação de 28 artesãos, dos Núcleos de Lã, Nhanduti e Patchwork . Foi verificado nesta visita a evolução dos trabalhos realizados, pode-se perceber a qualidade no acabamento das peças que estão sendo produzidas.

Realizado nos dias 26 e 27/10 visita técnica de 16 horas para Elaboração do plano de negócios com o objetivo de dar continuidade a Prospecção de mercado, etapa que faz parte da Estruturação da Produção Têxtil Artesanal para o Núcleo Produtivo de Caarapó, que contou com a participação de 28 artesãos dos Núcleos de Lã, Nhanduti e Patchwork onde o foco do trabalho foi criar uma central de negócios, envolvendo a OSCIP constituída em Caarapó, e formatar melhor esta comercialização.